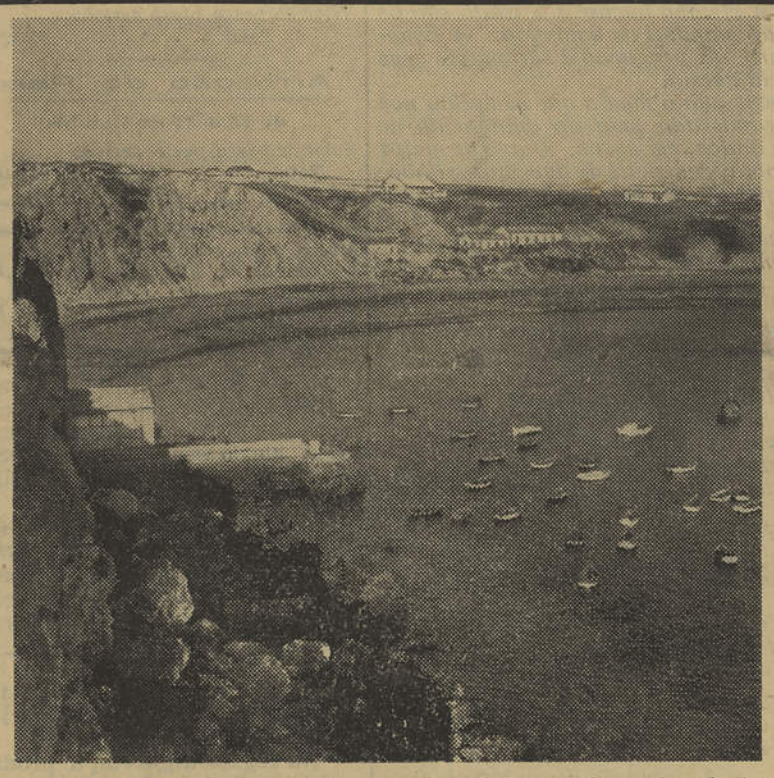
Semanário provincial

JORNAL do ALGARVE

ANO I • SÁBADO, 26 DE OUTUBRO DE 1957 • N.º 31

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO ◆ EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA ◆ DELEGAÇÃO EM LISBOA — TELEFONE 31839 ◆ AVENÇA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEFONE 254 ◆ COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL — V. R. S. ANTÓNIO



A formosa enseada da Baleeira, próximo de Sagres, lugar de refúgio para as pequenas embarcações e paraíso dos amantes da pesca

O CASO DE SAGRES

por DANIEL CONSTANT

QUANDO este ano, após uma época de descanso, voltámos de novo às nossas ocupações, traziamos os olhos cheios de imagens belas e o espírito desanuviado, mas preso, pelos elos indestrutíveis da saudade, aos motivos extraordinários da região mais surpreendente e desconhecida do litoral português.

Sagres continua a ser para nós um «abre-te, sésamo» revelador de maravilhas e surpresas, qual delas a mais deslumbrante e emotiva. Há anos fizemos aqui, em 4 crónicas, um descritivo da região, mas, mesmo assim, não nos foi possível revelá-la inteiramente, não só porque é grande, mas por não a termos ainda devassado bem nessa ocasião.

Apesar de todo o seu encanto e de possuir sítios de prodigiosa beleza, as excursões, mal orientadas, continuam a limitar a sua visita ao Promontório e ao Cabo de S. Vicente, para ver, neste último, o farol. Faróis há muitos, embora o de S. Vicente seja, de facto, um dos mais importantes das costas europeias; porém, em vez de o excursionista perder tempo em percorrer as instalações e ouvir o cicerone explicar-lhe o funcionamento dos maquinismos, melhor fora que, depois de visitar o histórico promontório e o cabo que é o extremo sudoeste da Europa, o empregasse em deitar os olhos a alguns dos cenográficos recantos das arribas, onde se situam as grutas azulíneas, os pontais roqueiros, as enseadas de cor turquesa e as praias de areia dourada.

Conclui na 6.ª página

Às corporações de bombeiros do Algarve couberam 536 contos

da distribuição feita pelo Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios

DAS verbas propostas pelo Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios e aprovadas superiormente para serem distribuídas pelas corporações dos bombeiros, coube às corporações da nossa província o seguinte quinhão: municipais de Faro, 350 contos e voluntários da mesma cidade, 25; Silves e S. Brás de Alportel, 25 contos, a cada; Olhão e Portimão, 20 contos, a cada; Lagoa, 16; Loulé, Tavira e Vila Real de Santo António, 15 contos, a cada, e Monchique, 10 contos.

O PROBLEMA DA PESCA do atum

ACERCA do problema da pesca do atum no Algarve, problema que entendemos deva merecer as maiores atenções da parte de todos os que possam contribuir para o seu esclarecimento, recebemos uma furibunda carta, sem data nem menção de origem, assinada pelo sr. João Inácio, nome que pode muito bem ser um pseudónimo, em que se aprecia, em termos pouco calmos, a nossa local intitulada como esta — O problema da pesca do atum.

Pelo carimbo do correio, vimos que a missiva é oriunda de Tavira. Dela vale a pena extrair estes elementos: «Mas como os números falam como gente, informo que, em 1955, uma das nossas armações vendeu 2.177 e o lucro que teve foi para cobrir os prejuízos da temporada de pesca de atum em 1954, que só se vendeu 1.570 contos. Em 1956, a mesma vendeu 3.504 contos, dando um lucro de 560 contos e neste ano vendeu 1.315 contos. Na realidade, as cinco armações do Algarve tiveram umas pescas muitíssimo baixas e os prejuízos, no entanto, não foram muitos grandes. Pergunto agora, onde estão os 20 mil contos de prejuízo indicados por esse técnico de armações? Se houve esse prejuízo, o mesmo que indique com dados concretos onde é que eles estão, para assim se ficar sabendo da seriedade do mesmo.»

O nosso encarniçado correspondente não leu com a devida calma a local que deu origem à sua carta. Se o tivesse feito, verificaria que não se fala nela em prejuízos de 20 mil contos; diz-se, sim, que se deixou de pescar, nos últimos três anos, atum num valor superior a vinte mil contos, o que é diferente da versão que nos apresenta.

Quanto às perguntas e considerações da sua carta, julgamos que a umas e a outras foi dada satisfação pelo sr. José Simão da Silva, na entrevista que concedeu ao *Jornal do Algarve*.

E reafirmamos o nosso desejo de que seja quem for contribua com os seus reparos, advertências e sugestões para esclarecer um problema que interessa a milhares de pessoas e à economia do Sotavento do Algarve.

PORTOS

Nos primeiros oito meses deste ano, as receitas cobradas pelas Juntas Autónomas dos Portos de Barlavento e Sotavento foram, respectivamente, de 1.405.866$70 e 2.731.722$40.

ONZE MIL CONTOS DISPENDERÁ NO PRÓXIMO ANO O MUNICÍPIO DE LOULÉ

EM DIVERSAS OBRAS ENTRE AS QUAIS SOBRESSAI A ELECTRIFICAÇÃO DO CONCELHO

A CÂMARA Municipal de Loulé, da presidência do sr. José João Ascensão Pablos, vai dispender no próximo ano onze mil contos para diversas obras no concelho. O seu plano de actividades é importante e nele se circunstânciam as obras decorrentes ou as projectadas. Quanto a águas, pensa-se, tanto para a sede do concelho como para Quarteira, na aquisição de um equipamento de cloragem, que constituirá o meio seguro de a água do abastecimento público estar defendida contra a invasão eventual de possíveis inquinações. Continuam em estudo o abastecimento de água a Salir, Corte João Marques e Boliqueime. Para a primeira das freguesias, existe ante-projecto em estudo na Direcção de Salubridade; quanto à Corte João Marques, está a ser remodelado um projecto existente; no que respeita a Boliqueime, a escritura para elaboração do projecto já foi assinada. Continuar-se-á com o propósito de melhorar as condições de abastecimento de água potável aos povoados das diversas freguesias bem como a ampliação da rede de águas da vila.

No que se refere à electrificação do concelho, obterá a Câmara um empréstimo da Caixa Geral de Depósitos, até ao montante de 3.000 contos, para fazer face à comparticipação a receber do Estado com vista à realização das obras relativas às 1.ª e 2.ª fases dos projectos apresentados na Direcção dos Serviços Eléctricos. Sabe-se que já foi dado despacho no sentido da concessão da comparticipação para a 1.ª fase (construção da subestação de Loulé, linha Loulé-Salir-Alte e para Boliqueime e Poço de Boliqueime, com os respectivos postos de transformação). Pensa-se que a actividade Municipal no próximo ano será especialmente dedicada à execução deste importante projecto, cujos trabalhos poderão ter começo ainda no corrente ano. Espera-se que no decorrer da gerência que se avizinha, o Estado concederá a comparticipação para a 2.ª fase destes trabalhos, que inclui a electrificação das povoações da Tor, Goncinha, Areeiro, Almancil e Vale d'Éguas.

Escusado será salientar que um empreendimento desta natureza trará para o Município um encargo vultuoso que há de causar, necessàriamente, um decréscimo no desenvolvimento de actividades em outros sectores da vida municipal,

Conclui na 5.ª página

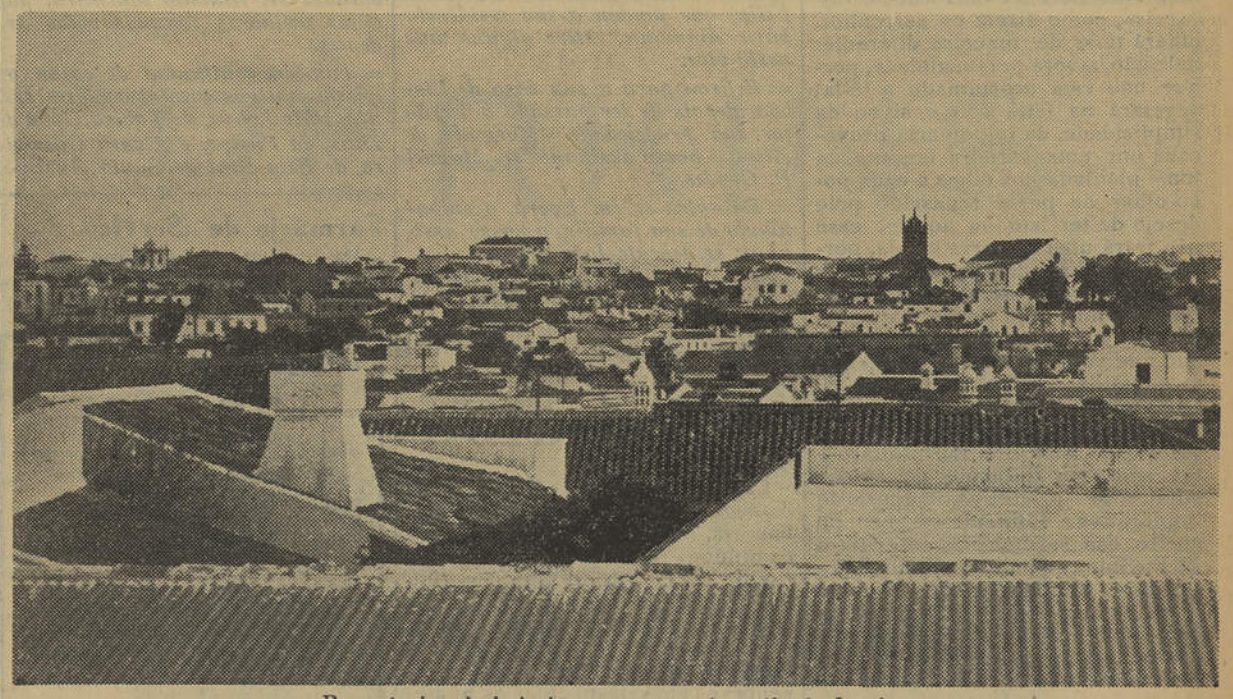
AS NOSSAS TRAINEIRAS estão a pescar no Norte

UMA hoje, outra amanhã, foram abandonando os seus portos as traineiras algarvias, indo exercer a sua faina no Norte, onde julgam obter maior rendimento. Não podemos levar a mal esta deslocação dos nossos barcos, embora ela provoque um ambiente de tristeza nos nossos portos e uma paralização na sua actividade. De certo, fica bem ao pescador ir procurar o peixe aonde ele mais abunda. Mas parece-nos que seria de avisada prudência fixar nos quatro portos de pesca do Algarve pelo menos duas traineiras em cada um, em regime de rotação que a todas abrangesse, isto para servirem de arautos ao resto da frota dispersa pela costa Oeste, logo que o peixe aparecesse, e também para pescarem algumas sardinhas para o abastecimento público.

Assim é que julgamos estaria certo.

CONSTRUÇÃO EM FARO DE UM BAIRRO para as classes pobres

POR despacho do sr. ministro das Finanças, foi autorizada a Câmara Municipal de Faro a contrair um empréstimo na Caixa Geral de Depósitos, no montante de 1.200 contos, para a construção de um bairro destinado a classes pobres, tendo ainda à mesma Câmara sido facultada uma operação de financiamento no valor de 900 contos, destinada à conversão de empréstimos contraídos no mesmo estabelecimento de crédito.



Panorâmica da bairrista e progressiva vila de Loulé

NUESTRA AMISTAD CONSCIENTE

por LUIS MOLINA SANTAOLALLA

LA amistad es una virtud, tanto entre los hombres, como entre los pueblos. El amigo tiene más de hermano en su voluntad, aun que aquellos que lo son por la sangre, que por cualquier otra circunstancia. Porque el amigo conviértese así en hermano voluntario del amigo, y hacia él se inclina de forma ineludible, precisa, irreprimible, si bien consciente, espoleada por esa voluntad. Y, si estos amigos voluntarios, también lo son — es decir, son hermanos — por el nacimiento, no cabe duda de que el logro de compenetración es completo, pues igualmente lo biológico y lo espiritual les unirán en tan firme trabazón, que la pareja será una sola cosa, un ente único, proyectado en reciprocidad y en totalidad.

Algunos han empleado en forma demasiado tópica, por, en muchas ocasiones, carecer de esa voluntad, o del calor necesario, la frase hecha de «la hermandad de las tierras ibéricas», sin darse cuenta, al estar obscurecidos por miras no tan altas, que estaban diciendo la verdad. Nosotros, que en el ánimo ya llevábamos esa propensión, ese deseo irrefrenable de hermandad, de mutua colaboración, de afán de estrecharnos codo con codo, quizás anduviéramos un tanto ignorantes del grado en que la ansiedad hallábase cumplida. No dudábamos, de una forma intuitiva, que el deseo tenía una significación de posible realidad, si bien, como hombres lejanos de los lugares del contacto, desconocíamos la experiencia. Sabíamos, sí, de las positivas realidades que en lo oficial se nos oferecia de continuo, aunque no habíamos podido palpar la médula del pueblo.

Nunca hubo prejuicios por nuestra parte, prejuicios históricos o políticos, que nos turbaran la visión, estábamos convencidos que, sí alguna vez, pudo haber disgustos, enfados o separaciones, eran las separaciones, enfados y disgustos propios de la familiaridad. Qué es lógico que el discutir sea cosa entre vecinos, entre amigos. Es decir, cosa de los que están juntos, de los que se aman. Y cosa pasajera que, tras los momentos de ofuscación, los amigos se perdonam, se comprenden. Sobre lo circustancial priva lo permanente, lo que se hace eterno, a fuerza de ser indiosincrasia de los individuos, de los pueblos, de los conjuntos que son paralelos, iguales. Y, como no hubo prejuicios, siempre vimos, acertadamente, que nuestro deseo se correspondía con la realidad inmutable. El conjunto peninsular de Iberia, era un todo, indivisible en el afecto.

Estábamos preparados para el apretón de manos, para el abrazo, para compartir nuestro pan y nuestro esfuerzo. Estábamos preparados, con vehemente entusiasmo y con serena visión, tal cual un mandato que de dentro nos llegase.

Ahora ya hemos gozado la experiencia. El tópico ha sido desvalorizado por completo, al no existir. No hay inflacción en el

Conclui na 6.ª página

ABASTECIMENTO DE ÁGUA À FUSETA

Através do Fundo de Desemprego, o sr. ministro das Obras Públicas concedeu à Câmara Municipal de Olhão a comparticipação de 25.000$00 para abastecimento de água à Fuseta.

FORASTEIROS EM VISITA AO NOSSO ALGARVE

NA minha faina sempre crescente em prol do meu Algarve, baseada principalmente na propaganda que posso fazer junto das várias pessoas que conheço em Lisboa, consegui que visitassem recentemente a terra que me foi berço doze amigos. Não é muito, mas representa uma boa ajuda. Se todos os 20.000 algarvios residentes em Lisboa conseguissem, por seu intermédio, enviar em cada Verão doze pessoas ao Algarve, poderão os meus caros leitores calcular a avalanche de gente forasteira que lá apareceria.

Todos fazem o que podem e, por isso, o aumento progressivo de turistas em visita ao nosso cantinho é qualquer coisa de muito importante; não quero esquecer a grande influência que neste aspecto têm exercido a nossa casa regional em Lisboa e a colónia algarvia resi-

Conclui na 5.ª página

Do ilustre jornalista Luís Molina Santaolalla, redactor do diário «A B C», de Madrid, de quem já tivemos a honra de inserir um interessantíssimo artigo, no nosso suplemento dedicado às festas hispano-portuguesas da vizinha cidade de Aiamonte, recebemos o artigo que, com muito prazer, reproduzimos e no qual se dá o merecido realce à boa irmandade entre portugueses e espanhóis desta zona fronteiriça, reflexo do bom entendimento entre as duas nações peninsulares e dos seus interesses convergentes, ambos os povos agindo sob o símbolo das suas pátrias — amarelo e encarnado, a Espanha; verde-rubro, Portugal, cores que não se misturam, mas que se confundem quando o mal é comum, como o foi nas flageladoras guerras napoleónicas. E saiba o nosso ilustre camarada e distinto jornalista que sendo o consulado de Espanha em Vila Real de Santo António um dos mais antigos deste País, cremos que o segundo ou terceiro estabelecido em Portugal, alguém tentou extinguí-lo, com grave dano dos interesses e do bom convívio entre os dois povos, valendo-nos nessa emergência D. Alberto Martín Artajo, que foi, até há pouco, ministro dos Negócios Estrangeiros de Espanha, e que impediu que se consumasse um acto de péssima e detestável política peninsular. Aqui lhe prestamos as nossas homenagens por esse serviço que prestou ao seu país. Não traduzimos o artigo de Luís Molina Santaolalla por recearmos deturpar a sua essência. Damo-lo na língua original, para não lhe cercear a beleza. De resto, os leitores traduzem-no fàcilmente. E agradecemos desvanecidos a atenção que o ilustre jornalista confere ao «Jornal do Algarve» colaborando nas suas páginas.

CORTEJOS DE OFERENDAS em Faro e Silves

Estão a decorrer em Faro e Silves os trabalhos preparatórios para a organização de cortejos de oferendas em benefício das Misericórdias locais.

A saúde é a maior riqueza

POSIÇÃO PARA DORMIR

Na maioria dos casos, as pessoas dormem em posições incómodas. Os grandes travesseiros, por exemplo, mantêm a cabeça alta demais e em posição forçada. Nessas condições, ficam comprimidos o esófago, a traqueia e os vasos sanguíneos aí existentes.

Ao dormir, repouse melhor, descansando a cabeça sobre um travesseiro pequeno e macio.

O JORNAL ALGARVIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

26 OUT. 1957

Imagens de FARO

por CASIMIRO DE BRITO

Tema único: «A Feira»

Pode dizer-se que a Feira pôs a cidade em estado de sítio. Porque esta é que é a verdadeira feira, despretenciosa, tradicional, formigante, necessária.

A Feira vem do fundo dos tempos e desdobra-se de ano para ano em novas feições e características. Certamente não é, ao contrário do que acontece com as feiras das localidades pequenas, mais útil do que agradável, mas o seu grau de agradabilidade compensa suficientemente bem.

Na feira, um passeante atento encontrar-se-á com todo o íntimo do nosso Algarve, naquela expressão que melhor o representa: o povo. Porque ela, a feira, não é simples e puramente a Feira de Faro, como é costume dizer-se por ser localizada na capital... esta é que é bem a Feira do Algarve, a última de todas, a mais bela de todas, a mais algarvia também (porque o «algarvismo» não se encontra só no regionalismo exacto, autêntico, dos nossos camponeses e homens do mar — mas sim no «algarvismo» complexo, evoluído, ramificado, que se topa tanto num campónio simples como num grão de trigo como um citadino perfilado no seu fato domingueiro, impecável, distinto).

E a Feira de Santa Iria é talvez a melhor passagem de modelos que temos no nosso Algarve. Um observador atento, amigo de alinhar suposições baseadas no que lhe parece evidente, fará do seu passear na feira um constante associar de ideias. Aquele que ali vai, o do chapéu de abas largas e da samarra de pele de coelho em volta do pescoço, é da serra, com certeza; sai das suas brenhas uma vez por ano, pela altura da feira; deve ter uns sobreiros avantajados, pois mostra aquela personalidade que só a certeza de que se vale nos dá; todavia, mostra-se encantado com tudo o que vê: os carros eléctricos, o poço da morte automobilístico, a mulher que corta o pescoço mais de vinte vezes por dia, e fica sempre com pescoço, o circo e as suas *girls* que mostram as pernas como quem dá a mão a um amigo... O homem-da-serra algarvio, lacónico e pensativo como é, olhará tudo atentamente, contará tudo depois à mulher (menos aqueles mimos de pernas) e levará um ano inteirinho a pensar nas duas feiras: seis meses na que passou, seis meses na que há-de vir...

No entanto, o pequeno-campónio, o das hortas e barrocais, o «algarvio», como dizem os serrenhos, olhará tudo de maneira diferente: nele não haverá personalidade, porque não está acostumado a tê-la; vegetará na feira sob o signo da simplicidade, da impotência provocada por uma carteira faminta, da fome plantada nos olhos a cada novo olhar de posse renascido pelo desejo de ter isto ou aquilo; esse não trará uma samarra sólida, porque é ganhão, faxina nas fábricas ou cavador nas terras, e, se tem rendimentos, para pouco mais chegam do que para a sementeira do ano que vem e para uns trapos para a família: este algarvio da raia, que também vem à feira todos os anos, olha para tudo o que vê com admiração, mas admiração diferente: sem possibilidade de posse, admiração proibitiva, admiração implorativa. Contenta-se com o cheiro das sardinhas, como diz o Zé Povinho, quando tem fome. Apesar disso, também se diverte, como todos os outros. Diz muitas vezes oh!, contenta-se com a felicidade dos outros, dos que andam nos automóveis e nos aviões, dos que vão ao circo e aos fantoches, dos que na barraca dos chocolates tiram furos de cinco escudos ou nas barracas de tiro partem filas inteiras de canecos de barro... e vai depois, necessàriamente, enfiar o canastro na barraca dos «xaringos», bem regadinhos com verdinho, porque o dinheiro é pouco e, enquanto dura, deve durar em alegria...

Tudo isso um observador atento pode descobrir nesta feira buliçosa, se não se importar de ouvir as conversas de cada um, de assistir aos negòciozinhos destes e daqueles, de armar-se em detective de sentimentos...

E há ainda os homens-do-mar, estes bem poucos, porque a feira não se fez lá muito bem para eles. Não têm nada para gastar... e dificilmente se satisfazem com a alegria dos outros. Por isso, passam, se passam, cabisbaixos, meditativos, estranhos; levam neles a tragédia do mar, a sua profunda obscuridade, o seu tremendo nó apertando-lhes as vontades...

Finalmente, aparecem-nos os senhores-todo-poderosos-da-feira: são os citadinos, ou cidadãos como alguns chegam a dizer, com uma elevação peitoral simbólica. Esses senhores são completíssimos no seu deambular de incomparáveis: não se admiram nem dizem ah! por nada; as diversões ou atracções de feira são todas velhas para ele. — Isso! oh, já vi melhor na Popular, de Lisboa e no cinema, pá!... Se vão à feira, não é para comprar nada, mas apenas para marcar presença, para assinar o ponto. Olham para as moçoilas; ao fim de duas horas de andarem de cá para lá, dizem para o camarada (vão sempre acamaradados, para dar mais sabor aos comentários oportunos) que há muito pó, aborrecem-se dos montanheiros, porque estes vêm carregados de cestos e sombrinhas, corrigem os erros gramaticais das frases que o Xarabaneco arranha e, por fim, semeiam-se a si mesmos à volta do «Ford» último modelo, sobre o qual discutem proficientemente.

Como os outros tipos de personagens no palco na feira, têm a sua vida própria, estimável como todas, interessantíssima, como todas, também. As histórias que se poderiam contar sobre uns e outros são diferentes, mas o seu picaresco iguala-se.

Enfim, é a feira, despretenciosa, tradicional, formigante, necessária. Nela, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, o principal não são as atracções, as barracas de comes-e-bebes, as de quinquilharias, o homem que come fogo ou a mulher que se deixa decepar. Tudo isto é secundário... **Porque principal, verdadeiramente principal, é a atitude do povo perante tudo isso... E' a maneira diversa como o povo interpreta a feira, a sua feira!...**

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve no Jornal do Algarve, *a apresentar cumprimentos, o nosso amigo e assinante sr. Sebastião Cândido Valério, inspector da Junta Nacional do Vinho.*

= Seguiu para Lisboa, a fim de embarcar no próximo dia 29 no paquete «Moçambique», com destino à Beira, a sr.ª D. Carmen da Cruz Rodrigues.

= Para continuar os seus estudos, seguiu para Lisboa a sr.ª D. Maria José Segura da Cruz, filha do nosso assinante sr. Francisco Humberto Solá da Cruz.

= Esteve em Vila Real de Santo António o sr. Ernesto Martins, nosso assinante em Olhão.

= Vimos nesta vila os srs. drs. José Correia do Nascimento, presidente da Junta de Província, e Mário Lyster Franco, director do nosso colega de Faro, «Correio do Sul».

= Retiraram para Lisboa a esposa e filha do sr. António Sebastião Martins, nosso assinante na capital.

= Encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso conterrâneo sr. Sérgio Anica, residente em Lisboa.

= Encontra-se em Matosinhos o sr. António Antunes Martins, residente em Castro Marim.

= Esteve em Fátima, acompanhado de sua esposa, o sr. dr. Joaquim Vaz Palma, nosso assinante em Monchique.

= Seguiram para Matosinhos os nossos assinantes srs. António Romão Francisco e Dionísio da Silva Estêvão.

= A fim de continuar os seus estudos, seguiu para Lisboa, acompanhada de sua mãe, sr.ª D. Rosália Domingues Mateus da Silva, a menina Maria Isabel Mateus da Silva, filha do nosso assinante sr. António Mateus da Silva.

= Retirou para Lisboa, depois de ter passado as férias nesta vila, o sr. Rui Correia Pacheco.

= Seguiu para Lisboa, depois de ter passado o Verão na sua propriedade das «Choças», a sr.ª D. Maria das Dores Correia Domingues.

= Vimos em Vila Real de Santo António o sr. Fernando Ferreira Braga, director da empresa concessionária da Doca de Pesca e nosso assinante em Peniche.

= Encontram-se em Matosinhos os nossos assinantes srs. Júlio Mateus, António Gomes Horta e Manuel Rodrigues Calafate.

= Regressou a Lisboa, depois de ter passado umas curtas férias em Vila Real de Santo António, o sr. Luís Cândido Glória Coelho.

= O nosso assinante sr. Sebastião Félix, que mudou a sua residência para Aiamonte, esteve alguns dias nesta vila.

= Retirou para a sua casa de Lisboa, depois de ter passado o Verão na sua propriedade «Morgado de Alte», o nosso assinante sr. Manuel P. Guedes.

= Encontra-se em Évora, acompanhado de sua família, o nosso assinante sr. tenente João Miguel.

= Encontra-se em Lisboa, a férias, o nosso assinante sr. Manuel da Silva, acompanhado de sua esposa e filhos.

Gente nova

Na clínica Cabral Sacadura, em Lisboa, deu à luz, com muita felicidade, uma interessante menina, a sr.ª D. Maria Fernanda de Araújo Teixeira Franco Fernandes Lobo, filha do nosso amigo e distinto colaborador sr. Hermenegildo Neves Franco, secretário da direcção da Casa do Algarve.

= Teve o seu feliz sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Ana Félix da Silva Samúdio, esposa do nosso assinante sr. António Samúdio.

Casamentos

Na igreja dos Anjos, em Lisboa, realizou-se na quarta-feira o casamento da sr.ª D. Maria José Marques da Costa Rocheta, filha da sr.ª D. Maria Luísa Cordeiro Marques da Costa Rocheta e do sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, médico em Lisboa, com o sr. Francisco Manuel de Pina Lopes Boullosa, director-adjunto da Sociedade Nacional de Petróleos (Sonap), filho da sr.ª D. Alice da Graça de Pina Lopes Boullosa e do sr. Manuel Cordo Boullosa. Apadrinharam o acto, a avó paterna da noiva, sr.ª D. Rosa de Brito Farrajota Rocheta e o avô materno do noivo, sr. coronel Francisco de Pina Esteves Lopes, antigo ministro das Finanças. Presidiu à cerimónia o grande amigo da família da noiva e nosso amigo e conterrâneo, rev. dr. Sezinando de Oliveira Rosa, secretário-geral da Acção Católica, seguindo-se um copo de água no Hotel Avis, após o que os noivos partiram para Espanha, Itália, etc., passar a lua-de-mel.

= Na paroquial de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, realizou-se, no dia 15 do corrente, o enlace matrimonial da nossa conterrânea sr.ª D. Maria do Carmo Martins da Nova, filha da sr.ª D. Maria Irene Martins da Nova e do sr. eng. Georgino da Nova, com o sr. Francisco António Abreu de Sousa Lobo Brandão, natural de Silves, filho da sr.ª D. Berta Abreu de Sousa Lobo Brandão e do sr. Vasco de Sousa Lobo Brandão, (falecido). Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seu pai e sua madrinha de baptismo, sr.ª D. Antónia Fernandes de Melo, e por parte do noivo, seu tio, sr. capitão Manuel de Abreu Ferreira de Carvalho, e sua irmã, sr.ª dr.ª D. Maria José de Abreu S. Lobo Brandão.

Aos noivos, que foram passar a lua de mel a Coimbra e ao Buçaco, desejamos perene felicidade.

Doentes

Encontra-se doente, em S. Brás de Alportel, o nosso dedicado colaborador sr. António Macheira, por cujas melhoras fazemos votos ardentes.

= Também continuam de cama os nossos amigos e colaboradores srs. Sebastião Leiria, de Tavira, João de Deus, da Fuseta, e Álvaro Guerreiro, de Vila Real de Santo António.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia *Carmo*, Rua S. João de Brito, telefone 31.

Despedida

Carmen da Cruz Rodrigues, tendo seguido para Lisboa, onde embarcará, no dia 29, no paquete «Moçambique» com destino à Beira, a fim de ficar a residir com seu filho Alfredo, e não tendo podido apresentar quaisquer despedidas (nem à própria família), para evitar comoções, vem por este meio apresentar as suas despedidas às numerosas pessoas amigas que desde longos anos a têm honrado com a sua amizade e atenções. Aproveita o ensejo para oferecer os seus préstimos na Beira — Moçambique.

O alimento lácteo vitalizante

IOGURTE

oferece duas garantias comprovadas secularmente:

PARA JÁ: Saúde e boa disposição;
NO FUTURO: Possibilidades de vida longa.

Vende-se este produto, sempre fresco, em boiões de 2$50, no Café IMPÉRIO, em Vila Real de Santo António e na Pastelaria IMPÉRIO, em Monte Gordo.

Animatógrafo

A GRIPE

E' noite. Ruas desertas
e poucas portas abertas.
Nos «cafés»
não se escutam os ruídos,
os aranzéis, os banzés
gratos a tantos ouvidos.

Quase toda a clientela
está de cama, pobre dela:
tem a gripe!
O resto deita-se cedo,
fugindo a tal «acepipe»,
com justificado medo...

De dia, quadro diferente:
mais movimento, mais gente;
mas também
o ar de muitas pessoas
denota aquilo que têm,
mostra que não andam boas...

A gripe já causa birra:
se um tosse, logo outro espirra...
Que maçada!
O patife do bacilo
não contemporiza nada,
não deixa ninguém tranquilo!

A negregada «asiática»
traz a terra sorumbática;
entrou rude
e produz grande arrelia:
é que escangalha a saúde
e arromba a economia...

OPERANTE

ECONOMIA

A Espanha produziu 300.000 quintais métricos de miolo de amêndoa

O produto em casca cotou-se entre 7,50 e 17 pesetas, o quilo

A ÚLTIMA colheita da amêndoa em Espanha foi uma das maiores dos últimos anos, tendo ultrapassado a de todos os países mediterrâneos produtores de amêndoa. Admite-se oficiosamente que a produção espanhola, em miolo, atingiu 300.000 quintais métricos ou ultrapassasse ainda este número. A vizinha nação e a Itália são os países que vão à cabeça da produção mundial de amêndoa. A Espanha corresponde mais da terça parte da produção e são países seus competidores o nosso, a Turquia e a Pérsia.

Pouco faltará para se atingir este ano a média que se colhia nos anos de 1931-35, amplamente ultrapassada pela do quinquénio de 1951-55, que foi de 170 milhões de quilos, em casca. O ano de maior produção foi o de 1953, em que se obtiveram mais de duzentos milhões de quilos. Há que ter em conta que do peso da amêndoa em casca só se obtém a terça ou quarta parte em miolo. Nas regiões dos grandes amendoais (Baleares. Catalunha e Valência) a colheita foi boa e obtiveram-se também bons rendimentos noutras regiões: em Yecla colheram-se mais de 100.000 quilos e em Aragão e Almeria as produções foram normais.

Os preços no produtor oscilaram entre 7,50, o quilo, em casca, e 17 pesetas, a molar. Por grosso, em armazém, cotizam-se entre 36 e 44 pesetas, o quilo, em miolo.

Para exportação, os preços oficiais mínimos são os seguintes: marconas, 93 dólares; valências seleccionadas, 90; valências por seleccionar, 85; malhorcas, escolhidas, 89; destrios, 72. Em Londres estavam a cotar-se as valencianas por seleccionar a seis xelins o quilo f. o. b., e as seleccionadas a sete. Mas de Itália fizeram ofertas mais baixas que as de Espanha.

O produtor espanhol tem que perder, na realidade este ano as duas pesetas por quilo a que se eleva o padrão oficial estabelecido sobre a exportação, para indemnizar os armazenistas dos 40 milhões de pesetas que perderam o ano passado.

A maior parte da campanha de exportação termina com o findar do ano e para que constitua um êxito, a quase totalidade da amêndoa espanhola exportável terá que sair antes das festas do Natal.

A pesca em França Em França, o ano passado, o total das pescas marítimas atingiu cerca de 450.000 toneladas, no valor de 49.990 milhões de francos (à volta de 35 milhões de contos), o que representa uma cifra «record» depois da guerra, sendo: peixe fresco das várias espécies, 346.000 ton., bacalhau salgado, 68.800 ton. e crustáceos, 11.000 ton. Este total, em 1955, foi de 426.700 ton. no valor de 42.510 milhões de francos. No que diz respeito às espécies industriáveis, o arenque, a cavala, a sardinha, os tunídeos e o «sprat», o total atingido foi de 138.100 ton. contra 126.000 no ano anterior, assim distribuído: arenque, 51.300 ton., no valor de 2.697 milhões de francos; cavala, 28.100 ton., no valor de 2.476 milhões de francos; tunídeos, 17.300 ton., no valor de 4.322 milhões de francos. A indústria de conservas absorveu 13.700 toneladas.

A pesca da sardinha, no ano findo, foi muito proveitosa, tendo a indústria de conservas adquirido 32.205 toneladas. A sardinha do Atlântico cotou-se a 104,80 francos o quilo.

Lota de Vigo No mês findo, foram vendidas na lota de Vigo 7.479 toneladas de peixe, no valor de 46.881.665 pesetas. A maior quantidade correspondeu à pescadinha (420.861 quilos, no valor de 9.069.673 pesetas). Outras espécies que vale a pena mencionar: bonito (albacora), 381.000 quilos; pescada, 94.480 kgs.; carapau, 819.531 kgs. e sardinha, 812.498 kgs., no valor, esta, de 2.126.582 pesetas. A indústria de conservas absorveu 3.080 toneladas.

Nos nove meses que vão decorridos, venderam-se 6.408.162 quilos de pescadinha, no valor de 104 milhões de pesetas.

Diversas A produção, no Perú, de bonito em conserva, que em 1954 foi de 15.403 ton., subiu em 1955 para 17.115 ton. Por sua vez, as farinhas de peixe subiram de 16.535 ton. em 1954 para 20.060 ton. em 1955. Deve esclarecer-se que a maior parte desta farinha foi obtida de peixe inteiro, especialmente de anchovinhas. A produção de óleo de peixe nos dois citados anos foi, respectivamente, de 757 e de 1.228 ton. Os consumidores destes óleos foram a Holanda, a Alemanha e o Equador.

— De Janeiro a Setembro do corrente ano, a Ilha da Madeira exportou 49.817 quilos de cebola, pelos quais o produtor recebeu 1.679.973$.

— A produção de vinho no País é inferior em quantidade ao ano passado, mas muito melhor em qualidade.

— Nos mercados espanhóis desta semana, a alfarroba teve a seguinte cotação: *Tortosa* (quintal métrico) inteira, 305 pesetas; triturada, 315; resíduos, 245. *Barcelona* — Alfarroba de Albacete, 500 pesetas; de Tarragona, a granel, 375 e de Castellón, 370.

— O nosso comprovinciano sr. Casimiro Mascarenhas Leote instalou um grande aviário no Serro da Forca, próximo de Silves, no qual cria diversas variedades de galináceos. De Lisboa recebeu já uma encomenda de 2.000 ovos para incubação.

— Os limões espanhóis têm obtido nos mercados de Paris, Lião e Bordéus entre 200 e 230, 150 e 200 e 220 e 235 francos, respectivamente, o quilo. Por sua vez, nos mercados alemães, as uvas da mesma procedência têm oscilado entre 1 e 2 marcos, o quilo.

— Foi de 4.514.707.511 pesetas, ou em moeda portuguesa, 2.258 milhões de escudos o total das pescas efectuadas no ano findo na vizinha Espanha.

Em Quarteira e Sagres

O Sr. MINISTRO DAS CORPORAÇÕES *preside amanhã à inauguração* DOS CENTROS de Assistência Social PARA PESCADORES

A Junta Central das Casas dos Pescadores inaugura amanhã os Centros de Assistência Social para Pescadores, em Quarteira e Sagres, devendo as cerimónias ter lugar, naquelas localidades, respectivamente às 11 horas e às 15 e 30.

O acto inaugural, que será revestido de grande relevo, é presidido pelo ministro das Corporações e Previdência Social, sr. dr. Veiga de Macedo, e terá a assistência de destacados elementos oficiais, autoridades civis e militares e de numerosos convidados.

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

LOTAS DO ALGARVE

Olhão

de 17 a 23 de Outubro

TRAINEIRA:

Salvadora	450$00
Total	450$00

Albufeira

de 17 a 23 de Outubro

Valor da pesca neste período
Total . . . . . 75.425$00

Armação de Pera

de 17 a 23 de Outubro

Valor da pesca neste período
Total . . . . . 77.448$00

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 18 a 24 de Outubro

ENTRADOS: Espanhol «Almazan», de 2.529 ton., de Sevilha, com carga em trânsito; Alemão «Soneck», de 1.299 ton., de Sevilha, com carga em trânsito.

SAÍDOS: «Zé Manel», com minério e enxofre, para Lisboa; «Almazan», com alfarroba triturada, para Avonmouth; «Soneck», com conservas e cortiça, para Hamburgo.

Produção agrícola

Na região algarvia, a produção média por hactare, o ano passado, acusou os seguintes coeficientes em relação à produção média no decénio 1947/56: batata de regadio, 90; milho de regadio, 100; feijão de regadio, 100; arroz, 108; uva, 80 e azeitona, 200.

O QUE O ALGARVE pagou de imposto de sisa

NO ano findo, o imposto de sisa pago pelos concelhos do Algarve foi o seguinte: Faro, 898.859$00; Loulé, 475.037$00; Portimão, 390.266$00; Silves, 337.752$00; Tavira, 328.210$00; Olhão, 324.814$00; Lagos, 256.635$00; Vila Real de Santo António; 211.944$00; Monchique, 175.202$00; Albufeira, 151.051$00; Alportel, 105.134$00; Lagoa, 82.979$00; Vila do Bispo, 74.245$00; Aljezur, 74.242$00; Castro Marim, 62.103$00; Alcoutim, 61.124$00, o que soma 4.009.597$00.

— BARDAHL —

ISOLANDO A SUA CASA COM AGLOMERADOS DE CORTIÇA

Ponha ar condicionado na sua casa pelo processo mais económico e eficiente. Isole-a com cortiça.
A cortiça é o melhor material de isolamento em todo o mundo, evita o calor, o frio e o barulho. O esquema mostra como o isolamento de cortiça protege uma casa dos rigores do tempo.
Para mais detalhes, queira dirigir-se a ISOLA.

COMPANHIAS ASSOCIADAS
Mundet & Cia., Ltda. — Sociedade Corticeira Robinson Bros., Ltda. — Infal, Ltda. — Sociedade Portuguesa de Aglomerados de Cortiça, Ltda. — Socorquex, Ltda. — Corça Fábrica de Aglomerados de Cortiça, Ltda.
AGENTES EM TODO O PAÍS.

ISOLA

SOCIEDADE COMERCIAL DE ISOLAMENTOS DE CORTIÇA
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 17, 2.º — TEL. 47824 — LISBOA

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

• FUTEBOL •

O «BLOCO» ALGARVIO VACILOU — MAS SÓ ISSO...

Campeonato Nacional
II Divisão

Farense, 3 — Estoril, 1
Golos de: Realito, Francelino e Armando

Jogou-se modestamente por parte do «leader» que, a contas com a «asiática», não pôde expor o seu xadrez, sem algumas omissões. Sobretudo a frente dos «Leões de Faro» viveu muito do futebol solto, sem pensamento nem coordenação, complicando uma linguagem de jogo definida.

O Estoril, depois da igualdade 1-1, sentiu as falhas do adversário e empertigou-se, traçando segmentos de «associaton» apreciáveis, autêntica reminiscência desse Estoril — hoje uma saudade...

Partida «vazada» em moldes de correcção, com os atletas a entregarem-se ao jogo e à expectativa do marcador, e, dentro destas características, um «guia» autoritário e um Estoril jovem, forneceram 90 minutos de altos e baixos e uma vitória em abono dos melhores no terreno, a despeito de em pálida imagem dos seus melhores dias.

Montijo, 0 — Olhanense, 0

Apenas houve futebol inspirado, dos algarvios

O Olhanense dobrou no domingo o «Cabo Não» da prova. Depois da Tapadinha e de Montijo, as visitas de «grande etiqueta», extra-família, ficaram concluídas, com o visitante excelentemente creditado. A equipa não fez golos, mas fez pontos. Soube sacrificar à ideia dos números de *placard*, a miragem de pontos positivos para seu prestígio na tabela das realidades — cotação do labor dos clubes.

O 4-2-4 foi um «freio potente» à impetuosidade dos aguerridos montijenses e «*ipso-facto*» ao jeito do seu ataque.

Ao fim dos 90 minutos, o Olhanense conseguiu ganhar — empatando.

Juventude, 2 — Portimonense, 1

Mendaña foi tudo, o resto quase nada...

Novamente a diferença tangencial feriu «de morte» os desígnios dos barlaventinos. Em Évora, como em Faro, um golo apenas contra dois do adversário e os pontos em disputa ficaram jogados e liquidados.

A defesa disputou heròicamente a ideia do triunfo, mas acabou por se render, decepcionada com um ataque que continua a avalizar a expressão do seu futebol por um golo solitário.

E a concluir o nosso comentário à partida da «Cidade Branca», não sabemos que mais sublinhar: se os dois golos sofridos, que foram muito, se o tento ímpar, respondido com golo de honra, que não foi nada...

Dia do Portimonense

Reina grande expectativa em Portimão pelo encontro de amanhã, entre o Portimonense e o Atlético, realizando-se nessa altura o Dia do Portimonense.

Em Faro: Só a vitória conseguiu «salvar-se»...

Em Montijo: Um "zero", quase uma vitória dos "rubro-negros"

Jogos para amanhã

PORTIMONENSE - ATLÉTICO

Primeiro grande «ponto de exame» do Portimonense, muros adentro. A equipa precisa de ser superior a si própria, sobretudo no ataque, para não deixar fender a ideia de «bloco».

É chegada a sua vez de responder pelo prestígio do «triângulo» algarvio.

Frente ao seu terceiro adversário lisboeta, pode também ser a sua terceira vitória, visto que ainda não se rendeu aos grupos da capital. Lisboa ainda não bateu o Algarve, em cinco partidas disputadas — o que constitui excelente palmarés.

Estes pensamentos todos devem aflorar ao cérebro dos barlaventinos, que vão para a hora e meia levando o Algarve no pensamento e a ideia do já famigerado «bloco» na razão do seu orgulho.

Por tudo isto, o Portimonense não deverá perder a luta de domingo!

PORTALEGRENSE - FARENSE

Primeiro e último, face a face, colecciona a VIII jornada num campo onde a «fome» de pontos representa legítimo anseio de «sobrevivência!

Não é virgem nos anais do «association» o caso dos últimos desrespeitarem os primeiros, tanto mais que os «azuis» vão lutar mais por necessidade de vencer do que por galardão de haver vencido... Não é o «leader» que estará em causa, é a oportunidade que importa...

Mas, apesar de todas estas contingências, o Farense dominará a situação, sem que arrisquemos uma vitória fácil para as suas cores, até porque os jogos fáceis estão caindo em desuso...

«Serpa» e «Arroios» são de molde a repetir-se no próximo domingo, no terreno do «Fontelo», onde os dois extremos da tabela se chocam como positivo e negativo...

OLHANENSE - BEJA

Equipa «meio termo» da tabela, este Beja, sem margem para confianças exageradas, por turno e para a turma de José João.

Mais uma equipa da igualha do «Coruchense», que virá, certamente, estudando a fórmula: «dominar não é vencer...» de modo a tê-la na ponta da língua para domingo próximo.

O Olhanense deverá triunfar, não diremos por um volume de golos a constituir o «abismo» da temporada finda, mas por números com direito a uma vitória clara e calma para a gente da bancada.

A menos que a sua defesa não persista nos dois golos de avanço, para forçar depois o ataque a tudo por tudo.

ANTÓNIO A. SANTOS

TORNEIO DISTRITAL DE APURAMENTO
para o Campeonato Nacional da III Divisão

Competição de seis, para ficarem quatro...

A dança dos pequenos vai começar. Amanhã disputa-se a primeira jornada do Torneio Distrital, com a comparticipação de seis equipas, de que, ao fim e ao cabo, hão-de ser apuradas quatro para a representação do Algarve no nacional da III divisão.

O caminho é longo e duro de percorrer. Quantas esperanças e ilusões ficarão espalhadas pelo caminho?...

Que todos saibam compreender a grande verdade: perder e ganhar tudo é desporto. E desporto não é andar a correr atrás de uma bola, é prática para desenvolvimento do físico e **educação** do espírito.

Jogos para amanhã

LUSITANO
UNIDOS SAMBRASENSE

Encontro emotivo, cartaz n.º 1 da jornada. O Lusitano, equipa melhor estruturada tècnicamente, encontrará no Unidos aquela equipa voluntariosa que, a rasgos de audácia e energia, se destacou na época passada. O Unidos, embora perca... deve vender cara a derrota...

SILVES - LOULETANO

O Louletano vai encontrar na mourisca Silves uma equipa jovem, que manobrará no terreno segundo as ordens de um Rafael Pineda e que não deixará os seus créditos por mãos alheias. Mais a mais, tratando-se de uma equipa pretendente ao título...

DESPORTIVO SAMBRASENSE
B. E. PORTIMONENSE

O jovem estreante *Desportivo* recebe o velho *Boa Esperança*, que lhe servirá de padrinho em provas oficiais. Como o respeito é muito bonito, talvez o resultado do encontro seja um empate... mas o moço *Desportivo* pode ser atrevido...

Campanha dos 1.000 sócios para o Lusitano F. C.

Parece que tem sido bem compreendida esta iniciativa da direcção do popular clube pombalino, pois têm aparecido ùltimamente grande número de simpatizantes a inscreverem-se como sócios do Lusitano. Que tudo corra em bom ritmo e com amor clubista, são os nossos votos, para engrandecimento do Lusitano e da nossa querida vila.

O G. D. CELEIRO
conquistou a Taça "Lusitano F. C."
ganhando o Torneio-Relâmpago de 1957

Conforme tínhamos anunciado, realizou-se no domingo o festival futebolístico denominado Torneio-Relâmpago de 1957, para clubes populares, cujo produto financeiro reverteu a favor das obras do campo «Francisco Gomes Socorro».

O Celeiro, que no jogo preliminar de apuramento desclassificou os Leões do Sul por um livre de pontapé de canto, conseguiu na final derrotar por uma escassa bola o Guadiana, conquistando a taça «Lusitano F. C.».

Os jogos foram agradáveis de presenciar, dada a vontade que os pequenos atletas impuseram na luta. No jogo da final houve, mesmo, pormenores de jogo de boa valia técnica.

Nomes a destacar houve, mas preferimos unir todos no mesmo abraço de simpatia pelo gesto desinteressado com que colaboraram na obra que se impõe — o arranjo do campo do Lusitano.

Os resultados foram: Guadiana, 2-Beira-Mar, 1, Celeiro, 0-Leões do Sul, 0, Guadiana, 0-Celeiro, 1.

As arbitragens, quanto a nós, foram imparciais e justas na aplicação das leis do futebol, embora a arbitragem de André Roque não tivesse agradado à equipa do Beira-Mar. Vila Real de Santo António contará com um árbitro nesta época.

— BARDAHL —

TIRO A CHUMBO

O dr. Júlio Sancho foi o 2.º classificado no Grande Prémio de Lisboa

No Pavilhão do Lumiar, foram disputadas provas de tiro a chumbo a contar para o Torneio do Outono, da organização do Clube Português de Tiro a Chumbo. A taça «A. M. Silva», disputada no Grande Prémio de Lisboa, teve 39 concorrentes e 50 mil escudos de prémios. E' justo destacarmos a actuação do nosso comprovinciano, sr. dr. Júlio Sancho, que conquistou um honroso 2.º lugar em tão difícil «poule».

A classificação foi a seguinte: 1.º, José Infante da Câmara, com 21/21; 2.º, dr. Júlio Sancho, com 20/21; 3.º, D. Rafael Jordana, com 13/14; 4.º, Augusto Simões, com 12/13.

BASQUETEBOL
TORNEIO DE ABERTURA

No campo de jogos do Ginásio Clube Olhanense, realizou-se a 3.ª jornada do Torneio de Abertura, em que está em disputa a Taça «Fonte Santa».

Antes dos jogos, a Associação de Basquetebol de Faro procedeu à distribuição, pelos clubes, das taças ganhas durante a época de 1956/57. Assim, o Clube Desportivo «Os Olhanenses» recebeu as taças «Joaquim da Quinta» e «A. Soares» correspondentes ao campeonato de primeira e segunda categoria, respectivamente, e um Diploma à sua equipa infantil por ter representado a Associação, no Campeonato Nacional da categoria.

Ao Lusitano Futebol Clube foi entregue a Taça Desportivismo, por ter sido considerado **Campeão da Correcção** na época de 1956/57.

3.ª jornada — 18 de Outubro de 1957

Ginásio C. Olhanense, 19
Lusitano F. C., 40

(Ao intervalo 9-17)

Alinharam e marcaram:

Ginásio C. O.: Frasão (8), Graça-Bruno (3), Gonçalves (6), Franco (2) e Lázaro-Bento.

Lusitano F. C.: Andrade (10), Branco (11), Gavino (12), Albano (3), Jara (2) e Pinheiro-Leal-Belião (2).

Árbitro: Marcelino José; Marcador: José Rosa; Cronometrista: J. Franco.

C. D. «Os Olhanenses», 36
C. F. «Os Bonjoanenses», 39

(Ao intervalo 18-21)

Alinharam e marcaram:

C. D. «Os Olhanenses»: Simões (6), Madeira II (7), Luís do Ó (12),

Conclui na 4.ª página

SELECÇÃO DA SEMANA

Abade (Daniel)
Luz Ventura J. Maria
Vinício Bento
Costa Mendaña Ângelo Francelino Sílvio

ALGARVE - LISBOA (em números)

ALGARVE	21	15	1	5	44-20	31 pontos
Lisboa	21	9	2	10	44-40	20 pontos

- VELA -

E' hoje inaugurado o edifício-sede
do Ginásio Clube Naval de Faro

Conforme anunciámos no nosso último número, é hoje, pelas 15 horas e 30 minutos, inaugurado o novo edifício Sede-Posto Náutico do Ginásio Clube Naval.

Embora não haja quaisquer regatas, comemorativas de tão notável acontecimento para a vela desportiva da nossa Província, a inauguração oficial terá a maior solenidade, devendo assistir ao acto da inauguração, além do sr. governador civil de Faro e demais entidades oficiais, o sr. comandante Tenreiro, deputado pelo Algarve.

Ficando Faro já com 3 Postos Náuticos e sendo o que hoje é inaugurado um dos melhores do nosso país, digno de ser visto e visitado por velejadores nacionais e estrangeiros, pena é que o delegado da Federação Portuguesa de Vela ao III Campeonato da Europa da Classe Moth se tivesse — inexplicàvelmente — oposto a que o IV Campeonato da Europa se realizasse, no próximo ano, em Faro, conforme fora solicitado pelo Sport Lisboa e Faro.

Para evitar, de futuro, que tais factos se voltem a repetir e para que o esforço do sr. comandante Tenreiro em dotar o Algarve de bons postos náuticos não resulte vão e inútil, a Direcção da Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro já entrou em contacto com alguns clubes do Porto e do Algarve, a fim de conseguir que no próximo ano haja vários delegados dos clubes da província na Federação de Vela e que não continue a haver 25 delegados de Lisboa e seus arredores entre os 26 dirigentes daquele organismo.

Também com o fim de não serem só os clubes de Faro a possuir, no Algarve, instalações próprias, o sr. arquitecto Veloso, presidente do Clube de Vela de Lagos, está já a acabar o projecto do futuro edifício Sede-Posto Náutico do Clube de Vela de Lagos, o qual deverá ser apresentado ao sr. comandante Tenreiro, quando da sua próxima visita a Lagos.

Para bem do desenvolvimento da vela desportiva no Algarve, oxalá a Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro consiga ter delegados seus na Federação e o Clube de Vela de Lagos consiga edificar, dentro do mais curto espaço de tempo possível, as suas instalações próprias, e que, às dos clubes de Faro e Lagos, mais se sigam, noutras cidades e vilas algarvias.

F. V.

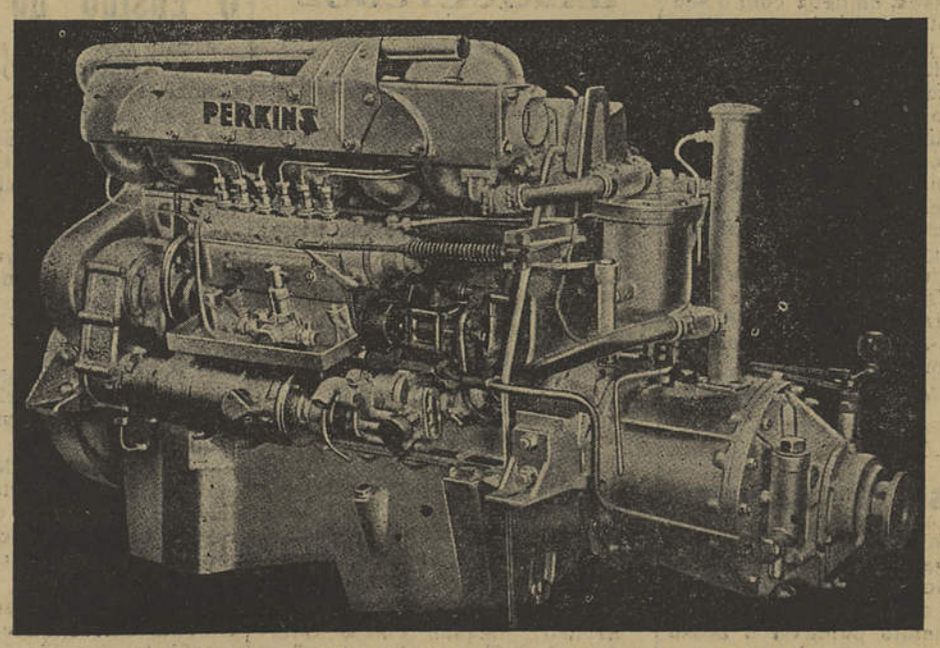
Não anunciar o que se deseja vender constitui um atraso. Anunciar mal é tão caro e tão estéril como semear na areia ou na estepa.

CAFÉ - RESTAURANTE
JANELAS VERDES
de LUÍS FÉLIX DA SILVA

Cerveja de barris
Mariscos - Vinhos Verdes
Serve almoços e jantares regionais
PREÇOS MÓDICOS
RUA DE AVEIRO, 37-39
Telef. 206 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Proprietários!!!
Capitalistas!!!
Não comprem
Não vendam
Não hipotequem
PROPRIEDADES
Sem primeiro consultarem
"A CONFIDENTE"
«A CONFIDENTE» não é uma agência vulgar, mas sim uma grande organização.
«A CONFIDENTE» tem quase 1/4 de século de existência.
A CONFIDENTE
(A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS)
LISBOA
Rossio, 3-2.º
(Ang. da R. Augusta)
Telefs. 21391-30257-367765-367767
PORTO
R. Passos Manuel, 14-1.º
(Ang. da R. Sá da Bandeira)
Telefs. 28721-27011-31309-31729

PERKINS
O MAIS FAMOSO DE TODOS OS MOTORES DIESEL



MOTORES MARÍTIMOS
S6M — 6 cil. — 75/100 BHP | P4M — 4 cil. — 27/43 BHP
P6M — 6 cil. — 44/66 BHP | L4M — 4 cil. — 42/58 BHP
GRANDE STOCK DE PEÇAS LEGÍTIMAS
Para prestar assistência a estes motores consultem os Distribuidores para Portugal
AUTO INDUSTRIAL, L.DA
COIMBRA — LISBOA — PORTO — LEIRIA

Lendas da nossa terra

A ERVA-ANDORINHA

E AS BABUCHAS DO VIZIR

EM tempos já muito recuados, navegava proa ao mar uma pequena embarcação que se destinava à pesca na costa do Algarve. Tripulavam-na pacíficos mas destemidos pescadores de várias povoações ribeirinhas, que iam lançar os seus aparelhos para recolha de peixe que lhes daria o pão para si e para os seus.

Como os sinais de pesca tardassem a aparecer, tiveram de se afastar um pouco mais da costa e, quando já estavam entretidos na sua faina, foram assaltados por uma galera de piratas mouriscos, que os aprisionaram, depois de lhes terem destruído a embarcação e os aparelhos de pesca. Embarcados no navio flibusteiro, foram amarrados ao banco dos remadores e obrigados a remar até ao porto do destino, na costa de Marrocos.

Uma vez chegados, preparava-se o patrão da galera para os levar ao mercado, onde seriam vendidos como escravos. Passava, nessa altura, junto à praia, acompanhado do seu enorme séquito, o grão-vizir, a quem foi chamada a atenção para o grupo de prisioneiros que, desgostosos e apreensivos, aguardavam a sua triste sorte.

Aproximou-se o vizir com o seu grupo de acompanhantes, o qual foi interrogando os prisioneiros. Ao inteirar-se de que um destes era natural de Castro Marim, perguntou-lhe se sabia onde era o serro de Santo António, ao que lhe foi respondido afirmativamente.

— Pois bem — diz o grão-vizir — Cristão, queres a tua liberdade e a dos teus companheiros?

— Sim, respondeu-lhe este.

— Então, terás de jurar que me obedeces ao que te vou mandar.

— Podeis contar com a minha palavra, desde que aquilo que me ordenais não vá de encontro à minha fé de cristão e à religião dos meus antepassados.

— Por Alá te juro que nada tens a recear.

— Dizei, pois, o que pretendeis.

— É muito simples, vou dar-te um par de babuchas, que calçarás três vezes, em noites seguidas, depois da meia noite e até ao romper do sol. Passearás durante todo esse tempo com elas calçadas, pelo serro de Santo António, e ao fim dessas três noites me devolverás as babuchas, num sítio que for combinado. Aí estarão os teus companheiros que, como tu, regressarão livres à sua terra.

— Aceito, senhor, desde que me garantas que nem no teu contrato nem nas babuchas haja qualquer arte diabólica ou acto de feitiçaria que vá ofender a minha religião.

— Podes ir tranquilo, porque não há nisso qualquer mistério e, para sossego do teu espírito, vou explicar-te a razão do meu pedido. Cresce no serro de Santo António, completamente à vontade, uma qualidade de erva que tem a virtude de dar vista aos cegos. Essa erva é conhecida pelo nome de erva-andorinha; se a pisares durante as três noites, como te disse, entre a meia noite e o romper do dia, o orvalho caído sobre a erva fará com que esta, ao ser esmagada por ter sido pisada, embeba com o seu suco as solas das babuchas. Esse suco será por nós aproveitado, e isso é o suficiente para que os físicos possam restituir a vista ao nosso santo e sábio marabuto, que dela há muito está privado.

— Aceito, senhor, a tua proposta.

— Vai, pois, e que Alá e o Deus de Nazaré guiem os teus passos; a tua liberdade e a dos teus companheiros está segura.

O contrato cumpriu-se, e os pescadores cristãos voltaram aos seus lares bendizendo a humilde e rasteira «erva-andorinha» do serro de Santo António.

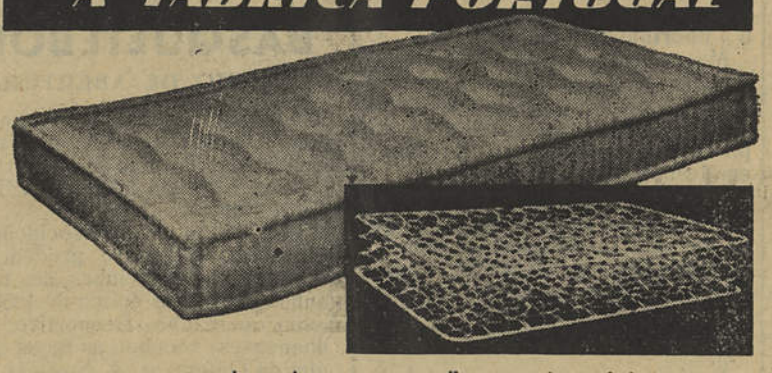
(Da tradição oral de Castro Marim)

Zé Valente

O caso de Sagres

É TRANSCRITA do nosso prezado colega «O Primeiro de Janeiro» a crónica sobre «O caso de Sagres», que naquele prestigioso rotativo nortenho publicou o nosso distinto camarada Daniel Constant, um apaixonado pelo Algarve, que já muito lhe deve na sua propaganda desinteressada. E' com o maior prazer e com agradecimentos ao colega portuense que a inserimos nas nossas páginas.

A FABRICA PORTUGAL



tem a honra de apresentar o melhor e o mais económico colchão de molas do mundo

EPEDA

com o seu famoso molejo de um único fio de aço indeformável e indestrutível.

INDIFERENTES AO TEMPO E AO USO

SEM NOS NEM PONTAS DE ARAME • SEM DESGASTE INTERIOR • EXTRAORDINÁRIA RESISTÊNCIA A PRESSÃO • CONFORTO IDEAL • SEMPRE FOFO E ELÁSTICO • SILENCIOSO • HIGIÊNICO • AMOLDA-SE SUAVEMENTE A QUALQUER POSIÇÃO DO CORPO

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

EM LISBOA:
FABRICA PORTUGAL
RUA FEDO MONIZ • RUA DA GRAÇA
PRAÇA DOS RESTAURADORES
NO PORTO:
JOÃO TOMAZ CARDOSO & FILHO, Sucrs. LDA.
RUA SÁ DA BANDEIRA, 92

BASQUETEBOL

Conclusão da 3.ª página

Serro (1), Ferro (2), Madeira I-Relvas-Leal-Branco-Canha (8).

C. F. «Os Bonjoanenses»: Dias (15), Jesuíno (13), Bernardino (2), Adelino (9) e Caniço.

Árbitro: Gilberto M. Ferreira; Marcador: J. Rosa; Cronometrista: J. Franco.

4.ª jornada — 22 de Outubro de 1957

Lusitano F. C., 27
C. D. «Os Olhanenses», 50

(Ao intervalo 16-32)

Alinharam e marcaram:

Lusitano F. C.: Andrade (5), Branco (8), Carro (2), Gavino (6), Jara (2), Belião-Albano (4) e Leal.

C. D. «Os Olhanenses»: Simões (2), Luís do Ó (21), Relvas (7), Evangelista (4), Serro (1), Rodrigues (11) e F. Madeira (4).

Árbitro: Joaquim Vinhas; Marcador: José Tomás Gouveia; Cronometrista: J. Franco.

Por terem totalizado duas derrotas, foram eliminados da prova o Ginásio Clube Olhanense e o Lusitano Futebol Clube.

O Ensino no Algarve

Foram extintos os postos escolares de Zambujal (2.º) (Alcoutim) e Goldra (Loulé).

— Foi transferida do posto escolar de Falacho II (Silves), para o de Trás-do-Outeiro (Óbidos), a regente sr.ª D. Antónia Fernandes Ribeiro.

— Foi autorizado o funcionamento das escolas e lugares docentes dos núcleos a seguir indicados: Mistas de Zambujal (Alcoutim) e Goldra (Loulé), e 2.º masculino de Algôs (Silves).

— Foi nomeada regente do posto escolar de Água Velha (Silves) a sr.ª D. Maria Augusta Cortes dos Santos.

— A professora do quadro de agregados do distrito escolar de Faro, sr.ª D. Julieta Correia Tavares, foi autorizada a contrair matrimónio com o sr. Acácio da Silva Varela.

— Foi concedido aumento de vencimento correspondente à 3.ª diuturnidade, à professora da escola da sede do concelho de Faro, sr.ª D. Maria do Carmo Brites Salgadinho.

— Está vago o lugar de escriturário de 2.ª classe na Escola Industrial e Comercial de Silves.

CONSTRUÇÃO

da ponte do Almargem

Com a base de licitação de 1.396.318$00, foi fixado para o dia 12 de Novembro o concurso público para a construção da ponte sobre a ribeira do Almargem.

Os concorrentes terão de fazer o depósito provisório de 34.908$00, sendo o depósito definitivo de 5 % do valor da adjudicação.

Cine-Foz

DOMINGO, ***Rivalidade,*** com John Payne e Rhonda Fleming, (para 17 anos).

TERÇA-FEIRA, o filme português ***Madragoa,*** com Deolinda Rodrigues, António Silva e Costinha, (para 12 anos).

SEXTA-FEIRA, ***Queda de um corpo,*** com Humphrey Bogart, (para 12 anos).

Funcionalismo público

Está aberto concurso documental e de provas práticas para provimento do lugar de aspirante do quadro privativo da Junta de Província do Algarve (Faro).

— Foi anulado o concurso para o provimento do partido médico com sede em Silves.

— O terceiro-oficial da Câmara Municipal de Portimão, sr. Jorge Madeira Santos, foi promovido e colocado, mediante concurso de provimento, no lugar de segundo-oficial da Câmara Municipal de Faro.

— Está aberto concurso documental para o provimento do cargo de fiscal de obras do quadro do pessoal maior dos serviços especiais da Câmara Municipal de Portimão.

— Está vago o lugar de terceiro-ajudante da Conservatória do Registo Predial e do Cartório Notarial de Albufeira.

Cartas sem destino

Minha Senhora, escrevo, sem saber
O motivo maior desta ousadia,
Mas, escrevendo, sinto uma alegria
Difícil de pensar e de dizer!

No meu Algarve, o mar e as amendoeiras
Lembram em suas graças tal beleza
— Um sonho de noivado e de pureza —
Romance de paixões bem verdadeiras!

E assim, minha Senhora, bem quisera,
Pedir-lhe que viesse aqui fruir
Esta luz de sonho e de quimera
A brilhar neste céu, como um sorrir!

Quem sabe se Vocência, ao contemplar,
Estas neves de sonho... prazenteiras!
Vinha encoutrar nas flores de amendoeiras
Motivos bem gracis de algum sonhar?!

.....

E do mar, do grande Infante, que pensar
Senão que foi leal aos portugueses,
Livrando-os de naufrágios e revezes...
E ensinando-os, também, a navegar!

Sem este mar, meu Deus, Nosso Camões
Grande poeta seria, e porque não?!
Mas imortal? não sei: eis a razão
Que vem do grande mar aos corações!

1957 *LUÍS PALMA VAZ*

O **Jornal do Algarve** vende-se em Lisboa, na Tabacaria Mónaco, no Rossio.

NECROLOGIA

Patrão Joaquim Lopes

Na Estação de Socorros a Náufragos, de Paços de Arcos, faleceu na segunda-feira o sr. Joaquim Lopes, de 55 anos, patrão do salva-vidas local e tetraneto de Joaquim Lopes, o lobo do mar olhanense que arriscou número incontável de vezes a sua vida para salvar outras vidas. Em reconhecimento da sua bravura e do seu alto espírito de humanidade, o salva-vidas de Paços de Arcos, desde a fundação do Instituto de Socorros a Náufragos, em 1892, tem estado sempre confiado aos descendentes do bravo e glorioso marinheiro algarvio.

Ludgero Rosado Vitória

Em Évora, onde residia, faleceu o sr. Ludgero Rosado Vitória, de 34 anos, empregado comercial, natural de Faro. O extinto deixa viúva a sr.ª D. Florbela Pestana Rosado Vitória, era irmão do sr. António José Rosado Vitória e primo do sr. professor-engenheiro Vitória Pires, subsecretário da Agricultura.

Manuel Rosa Afonso

Em Olhão, vítima de um acidente de viação quando seguia numa bicicleta motorizada, faleceu o sr. Manuel Rosa Afonso, de 20 anos, solteiro, empregado na litografia daquela vila. Era filho da sr.ª D. Irene Rosa e do sr. José Afonso, irmão da sr.ª D. Cristel Rosa e do sr. António José Afonso e sobrinho dos nossos assinantes srs. Rafael Guerra e José Barros.

Às famílias enlutadas, os nossos pêsames.

Também faleceram:

Em LISBOA — o sr. Inácio Afonso, de 64 anos, natural de Lagos, viúvo, pai das sr.as D. Manuela Alice Maria e D. Lucinda de Jesus Afonso e dos srs. Manuel Afonso Ferreira e Aníbal de Jesus Afonso.

— o sr. Joaquim Batel, de 50 anos, serralheiro, natural de Loulé.

— o sr. João António Santana, de 64 anos, solteiro, polidor de móveis, natural de Silves.

— o sr. António Maria Duarte, de 96 anos, natural de Olhão.

— O sr. Augusto Basílio, de 59 anos, funcionário municipal, natural de Portimão, casado com a sr.ª D. Maria dos Anjos Costa Basílio.

— o sr. Francisco dos Santos Baeta Rodrigues, de 45 anos, empregado de escritório, casado com a sr.ª D. Maria Manuela Ferreira da Cunha Alcântara Baeta Rodrigues.

— a sr.ª D. Ana de Jesus Correia, de 80 anos, viúva, natural de Portimão.

— O sr. Joaquim Fernandes da Palma, de 32 anos, mecânico, natural de Faro, casado com a sr.ª D. Cidália Inácio Duarte Palma.

— a sr.ª D. Maria Amália da Assunção Soares Fernandes Santos, de 28 anos, natural de Faro, casada com o sr. dr. Joaquim de Jesus Santos, advogado, mãe das meninas Ana Gabriela Soares Fernandes dos Santos e Natividade Maria Fernandes de Jesus Santos, filha da sr.ª D. Maria Antonina Estêvão Soares Fernandes e irmã do sr. António Soares Fernandes. O funeral realizou-se em Faro.

Em ALMADA — o sr. José da Horta, de 68 anos, marítimo, natural de Loulé, pai das sr.as D. Ermelinda da Conceição Guerreiro Horta e D. Maria Judite Guerreiro Horta, e do sr. Castro Guerreiro Horta.

— a sr.ª D. Lúcia da Conceição Correia, de 62 anos, natural de Portimão, mãe da sr.ª D. Maria Helena Correia Mendes e sógra do sr. Fernando Maia.

Em CASABLANCA (Marrocos) — onde desde há anos residia, o sr. António Correia, de 52 anos, técnico da indústria de conservas de peixe, natural de Castro Marim.

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DOS OLHOS

Consultas às 11 e às 15 horas

Rua Filipe Alistão, 27 - **FARO**
Telefone **475**

— BARDAHL —

Confiem nos óleos da *CANFIELD*

70 anos de experiência são a melhor garantia da excelência dos seus produtos

DISTRIBUIDORES:
SOCIEDADE COMERCIAL REMUS, L.DA
Rua do Comércio, 8 — LISBOA
AGENTES NO ALGARVE:
FARO — Augusto Sousa Teixeira
LAGOS — Escritório Técnico e Comercial do Sul
PORTIMÃO — António João Júnior & Irmão, Lda.
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Viúva de José Joaquim Capa & Filhos

Wm. Penn MOTOR OIL

À venda em todo o País

Pára-raios

Não comprem sem consultar os meus preços, que são sem competência

Faço instalações desde há trinta anos, com pessoal habilitado, empregando o melhor material que até hoje se fabrica.

Orçamentos grátis para qualquer parte do País e tenho aparelhagem moderna para vistoriar os mesmos, depois de instalados

Dirigir a
HELIODORO VALENTE
Telefone 21 OURIQUE

ao serviço do automobilismo

Jaime Banho Dias Cordeiro, agente da Shell Portuguesa, S. A. R. L., tem o prazer de anunciar a inauguração da Estação de Serviço Shell na Avenida Marginal em Portimão, onde os senhores Automobilistas e Camionistas poderão encontrar a melhor assistência aos seus veículos através do esquema de lubrificação e dos produtos Shell.

SHELL X-100 MOTOR OIL

SHELL LUBRIFICAÇÃO SHELL

COMBUSTÍVEIS / ÓLEOS LUBRIFICANTES / LUBRIFICAÇÃO SHELL / LAVAGEM / ACESSÓRIOS

ao seu serviço durante as 24 horas do dia

ONZE MIL CONTOS
dispenderá no próximo ano
o Município de Loulé

Conclusão da 1.ª página

para ser possível manter o equilíbrio orçamental.

De há anos a esta data, a Câmara vem lutando pela resolução do problema da electrificação do concelho; chegou agora a altura de ver realizados os seus propósitos afirmados em planos de actividade de anos sucessivos.

Vai ser aberto concurso para a melhoria da iluminação da Avenida José da Costa Mealha e no próximo ano deve proceder-se à ampliação da rede de esgotos a todos os arruamentos, esperando-se poder mandar elaborar o projecto definitivo do plano de esgotos de Quarteira. Projecta a Câmara a construção de edifícios escolares em Querença, Patã (Boliqueime) e Azinhal (Alte) assim como um edifício de oito salas na sede do concelho.

Espera-se que no próximo ano seja ultimada a cobertura do mercado e se dê começo à terceira fase do Parque Municipal, que compreende a construção do campo de jogos, prevendo-se igualmente a ampliação do cemitério; a melhoria de pavimentação de diversos arruamentos; a abertura de uma rua que saíndo da Rua de Nossa Senhora da Piedade, junto ao extremo poente da Praça Dr. Oliveira Salazar, se dirija para norte, por forma a dar satisfação aos legítimos anseios dos habitantes da freguesia de S. Sebastião.

Mostra-se a Câmara também esperançada que no próximo ano fique concluído o matadouro municipal e que se construa a passagem submersível da Maritenda, estando no propósito de ainda este ano pôr a concurso os trabalhos das placas centrais da Avenida José da Costa Mealha.

Os melhoramentos a levar a cabo nas freguesias rurais

Reconhecendo que é vasto e de difícil solução o problema de melhorar as condições de vida das freguesias rurais, a Câmara promete, dentro das suas possibilidades, não descurar o progresso das freguesias. No que respeita a Almancil, continuarão as obras da estrada municipal que vem de Quarteira e que há-de encurtar a distância que separa esta praia de Faro. A Câmara continua interessada na construção da estrada de Vale d'Éguas e espera que no próximo ano comece a electrificação da freguesia. Está no propósito do Município, quanto a Alte, electrificar a freguesia, melhorar estradas, fontes e poços.

No que concerne ao Ameixial, tenciona a Câmara resolver o abastecimento de água à Corte de João Marques, melhoramento da Fonte de Asseiceira, com os respectivos acessos e fazer diligências junto da Direcção Hidráulica do Guadiana, de forma a que sejam construídos os pontões da ribeira de Vasconcilhos e outros que se tornam necessários.

Boliqueime e Fonte de Boliqueime poderão contar com a electrificação e o abastecimento de água e, no que respeita a Quarteira, espera-se que no próximo ano sejam fixadas as directrizes a seguir na urbanização da localidade, não se devendo fazer o calcetamento das ruas sem que sejam instalados os canos de esgotos.

Em Querença, ainda este ano começará a construção de um edifício escolar com duas salas e no próximo ano será electrificada a freguesia de Salir; prosseguirão as obras de abastecimento de água e continuará a ser reparada a estrada que liga à sede do concelho.

As obras previstas e calculadas para o próximo ano

O orçamento para as obras previstas e calculadas para o próximo ano é o seguinte: pavimentação das placas centrais da Avenida José da Costa Mealha, 140.000$00; iluminação da Avenida José da Costa Mealha, 380.000$00; melhoramento e pavimentação de diversos arruamentos da vila (1.ª e 2.ª fase), 150.000$00; supressão da passagem de nível da Maritenda, 130.000$00; reparações da E. M. da Fonte Coberta a Almancil, 100.000$00, e da E. M. Loulé-Salir (5.ª fase), 100.000$00; ampliação da rede de águas da vila e estação de tratamento, 100.000$00; construção do Parque (3.ª fase), 100.000$00; reparação e melhoramento de fontes e poços do concelho, 80.000$00; reparação e conservação de estradas e caminhos, 80.000$00; reparação de arruamentos das povoações, 50.000$00; aquisição de terrenos para edifícios escolares, 150.000$00; abastecimentos de água a Salir, 100.000$00, e a Boliqueime, 100.000$00; melhoramentos a levar a efeito no mercado da vila, 40.000$00; abastecimento de água a Quarteira-Estação de tratamento, 50.000$00; abastecimento de água à Corte de João Marques, 50.000$00; prosseguimento das obras do matadouro municipal, 25.000$00; ampliação do cemitério, 100.000$00; obras de electrificação do concelho (1.ª e 2.ª fases), 6.000.000.00$00; aquisição de edifício destinado ao funcionamento da Escola Técnica e obra de adaptação, 300.000$00 e abertura e construção de uma rua que, saindo da Rua de Nossa Senhora da Piedade, se dirige no sentido norte, 200.000$00.

Forasteiros em visita ao nosso Algarve

Conclusão da 1.ª página

dente na capital, porque, onde se encontre um algarvio encontra-se imediatamente um desenho do Algarve.

Exactamente por tudo isto, quando os meus amigos regressam, vou logo ao seu encontro e faço-lhes as perguntas de estilo: «Então, que tal?... Gostaram do Algarve?... Deram por bem empregado o seu tempo?...» etc., etc., e todos, absolutamente todos vêm encantados, o que aliás me apraz registar nestas páginas, com a natural satisfação de algarvio que sou.

Mas, com franqueza, gosto também de ouvir as deficiências que eles encontram; caso curioso: aparte o famigerado assunto das acomodações hoteleiras, só o meu amigo Alberto Augusto Esteves Pereira me observou as más condições de regulamentação do trânsito em Faro, a qual, diz ele, é verdadeiramente confusa para um português, quanto mais para um estrangeiro.

Com o grande respeito que me merecem todas as autoridades da minha província, a quem presto, neste momento, homenagem pelo muito que têm feito pelo nosso Algarve, tornando-o aquilo que ele hoje é à vista dos naturais e dos forasteiros, não quero de forma alguma que este reparo do meu amigo signifique uma crítica ou um propósito de ferir quem tão dignamente tem a seu cargo esta missão bastante espinhosa. Se ele não tem razão de existir, que me perdoe a respectiva entidade por eu ter focado um assunto que está dentro das normas regulamentares, mas, se ele representar uma verdade, servem estas palavras de uma informação singela, embora possam ter uma certa utilidade às circunstâncias da vida turística do nosso querido Algarve, porque elas só levam um desejo: que os nossos amigos venham de lá com o seu espírito cultivado, recriado e bem informado.

Arnaldo Martins de Brito

Manuel da Silva Domingues
Agente das Tintas
«EXCELSIOR»
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Trindade Coelho, Herdeiros, L.da

Para os devidos e legais efeitos se publica que, por escritura de 17 de Outubro do ano corrente, lavrada nas notas do Cartório Notarial do concelho de Vila Real de Santo António, foi constituída, entre Rogério Glória Coelho, Luís Cândido Glória Coelho e Maria Adelina Glória Coelho, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade, que será regida pelas cláusulas e condições dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma «Trindade Coelho, Herdeiros, Limitada», tem a sua sede nesta vila, onde será o seu estabelecimento comercial, e a sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de trinta de Agosto do corrente ano, sendo os seus anos sociais os civis.

2.º

O seu objecto consiste na exploração do comércio de «Algodão e Lã (Mercador de tecidos ou malhas nacionais e estrangeiras), Chapéus para homens (Mercador de) e Sapataria (Mercador de calçado)», podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria de livre exercício, ou para que tenha autorização, em que os sócios acordem.

3.º

O capital social, inteiramente realizado, é de 120.000$00, em dinheiro, e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes: Rogério Glória Coelho, 60.000$00; Luís Cândido Glória Coelho, 30.000$00; e Maria Adelina Glória Coelho, 30.000$00.

4.º

Não serão exigíveis prestações suplementares do capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer à Caixa social os suprimentos de que ela carecer, nas condições que forem acordadas.

5.º

A cessão total ou parcial de quotas é livremente consentida entre os sócios, ficando dependente do consentimento da sociedade a cessão a estranhos.

§ único — Fica, porém, desde já autorizado o sócio Rogério Glória Coelho a dividir a sua quota de 60.000$00 em duas de 30.000$00 cada uma, e a ceder uma dessas quotas a sua irmã Maria do Carmo Glória Coelho, reservando a outra para si.

6.º

Todos os sócios são gerentes, com uso da firma, sem caução, nem retribuição, podendo, isoladamente, qualquer deles, representar e obrigar a sociedade, em juízo e fora dele, activa e passivamente.

§ único — Aos gerentes lhes é interdito assinarem, em nome da sociedade, com a firma social, em actos, documentos e mais responsabilidades alheias aos negócios dela, sob pena de responderem por perdas e danos.

7.º

A sociedade apenas se dissolve nos casos marcados na Lei de 11 de Abril de 1901, dependendo, porém, a sua dissolução por acordo apenas de metade dos votos do capital social.

8.º

Por morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito, sendo dispensada a autorização da sociedade para a divisão da quota do sócio falecido ou interdito, entre os seus herdeiros ou representantes.

9.º

As assembleias gerais, fora dos casos em que a lei exija requisitos especiais, serão convocadas por meio de cartas registadas, com a antecedência de oito dias.

10.º

Serão dados balanços anuais e os lucros líquidos apurados, depois de deduzidos cinco por cento para fundo de reserva legal, serão repartidos pelos sócios, na proporção das suas quotas, e na mesma proporção serão suportadas as perdas, havendo-as.

11.º

Em tudo o omisso regularão as disposições legais aplicáveis e as deliberações tomadas em reunião dos sócios.

Vila Real de Santo António, 21 de Outubro de 1957.

O Ajudante do Cartório,

(Manuel Clemente)

Foi inaugurada em Portimão
uma estação de serviço automóvel da Shell

EM Portimão, com a presença dos directores da Shell, srs. Mariano de Carvalho e Eurico Miranda da Cruz, presidindo ao acto o sr. Salvador Gomes Vilarinho, presidente da Câmara Municipal daquele progressivo concelho, procedeu-se à inauguração da estação de serviço automóvel da Shell Portuguesa, no Largo do Dique, melhoramento importante para a viação, em especial para a do Barlavento. No Hotel Bela Vista, foi servido um almoço aos convidados entre os quais figuravam as autoridades locais e funcionários superiores da Shell.

Aos brindes, o sr. Mariano de Carvalho saudou os convidados e disse também que a estação tinha sido construída e entregue como concessão ao sr. eng. Dias Cordeiro, filho de um antigo e dedicado agente da companhia. Ao agradecer, o sr. eng. Dias Cordeiro pediu um brinde ao sr. Mariano de Carvalho, que brevemente deixa a Shell, onde prestou óptimos serviços durante 25 anos, para assumir o cargo de administrador da C. U. F. em Angola. O brinde foi calorosamente correspondido.

Publicações

Rodoviária — Saiu o número respeitante ao corrente mês que, como de costume, vem recheado de boa colaboração, figurando entre esta uma crónica de viagem muito interessante, da autoria do rev. Áureo de Figueiredo. Publica alguns artigos sobre turismo e notamos que numa legenda se faz referência ao hotel da capital da província, dizendo-se: «Não sabemos que diligências os farenses tentaram já para *esclarecer* a emperrada situação do seu hotel, mas cremos que, com boa vontade e perfeita compreensão, o problema encontrará a solução desejada — para honra de Faro e prestígio do Algarve».

RAUL FOLQUE & FILHOS, L.DA

Fábrica de Conservas de Peixe

As conservas FOLQUE *são produtos de ALTA QUALIDADE*

JORNAL do ALGARVE

O CASO DE SAGRES

Conclusão da 1.ª página

Isso sim, é Sagres em toda a sua beleza natural, caprichoso na forma e vultoso no volume; o resto, isto é, o passeiozinho de 6 quilómetros, pela estrada alcatroada, desde o Promontório a S. Vicente, nem sequer dá uma pálida idéia dos mil encantos adormecidos e que se podem devassar desde o cimo ao sopé das arribas, pertinho das quais passa toda a navegação do Mediterrâneo, tão próximo, por vezes, que se distinguem, a olho nu, os tripulantes dos barcos de carga e os passageiros dos transatlânticos das carreiras de Génova a Nova Iorque e de todas as que demandam as rotas além do Suez. Os paquetes chegam a reduzir a marcha, para os passageiros, aglomerados nos «decks», demorarem os olhos no «Promontorium Sacrum» e nas arribas roqueiras, e evocarem o infante da «Ínclita Geração», que deu novos mundos ao mundo.

PAISAGEM DE MARAVILHA

As excursões a Sagres, mal organizadas e pèssimamente orientadas, nem sequer vêem, a 300 metros do centro da localidade, o improvisado porto de pesca da enseada da Balieira, o mais pitoresco do País, imensa baía de águas tranquilas e profundas, com ilhotas rochosas, dominada por uma derruída fortaleza no alto da arriba, cujo sítio é um miradouro surpreendente.

Bem andaram os estrangeiros que descobriram Sagres e o invadiram este ano com os seus automóveis. Quando não conseguiam alojamentos, instalavam as suas tendas nos pontos mais pitorescos e percorriam toda a região com o espírito alvoraçado pelas surpresas que se lhes apresentavam. Um casal francês, de Casa Branca, confiou-nos as suas impressões, e ficámos a saber que, após uma larga digressão pela Itália, França e Espanha, nada os surpreendeu e seduziu mais que a prodigiosa região de Sagres; passaram aí segundo nos disseram, os dias mais maravilhosos da sua vida.

A um outro casal, português, que nos visitou, desejoso de conhecer Sagres, retivemo-lo durante três dias, navegámos ao longo da costa, entretivemo-lo nos pesqueiros e nos pinhais de Vale Santo, levámo-lo ao histórico Promontório e ouvimos, sem admiração, que, da sua estadia de férias no Algarve, os dias passados em Sagres jamais seriam olvidados.

O que nos admira muito é que essa localidade e a sua região continuem estagnadas e vivam longe da civilização e do progresso. Se o Estado estava disposto a gastar cerca de quarenta mil contos no monumento à memória de D. Henrique, em Sagres, e se a obra não se realizou por motivos imperiosos, que em ocasião oportuna, serão possìvelmente revelados, por que não se aplica então uma pequena parte daquela importante verba no melhoramento da região sagrense, facto que, até certo ponto, constituía uma homenagem à memória do homem extraordinário que a habitou e nela formou a mais famosa geração de navegadores?

TURISMO EM POTENCIAL

Atraídos pela celebridade do local e da figura do Infante, inúmeros portugueses e gente de todos os países visitam Sagres. Uns e outros, contudo, ficam decepcionados ao verificar a humildade urbana do local, em confronto com a grandeza do seu nome. Nada ali existe, digno de menção, que se deva à mão do homem, à excepção de um belo edifício para os serviços sociais da Casa dos Pescadores.

O visitante estrangeiro, em especial, não esconde a sua estranheza perante esta situação porque, além da falta de quem lhe preste esclarecimentos históricos e turísticos, também não encontra, à excepção de uma modestíssima pensão (quase sempre completa na época de veraneio) um único estabelecimento hoteleiro de relativo conforto nem um restaurante.

Como se pode compreender que sejam classificados de interesse turístico determinados locais, autênticos lugares-comuns, cheios de contrariedades, minados de mendicidade industriosa, ruidosos e banais, e se desprezem regiões e localidades naturalmente indicadas para altos destinos turísticos, como acontece com Sagres?

É turismo, em potencial, tudo quanto ali existe: — renome internacional; concorrência de visitantes, a despeito da falta de comodidades; sabor histórico; beleza paisagística inultrapassável, no seu género, em todo o País; bom clima, durante quase todo o ano; abundância de pesqueiros; abundância de caça; flórula única em variadíssimas espécies; curioso artesanato; praias para todos os gostos; um povo cheio de qualidades cívicas; ausência de pé descalço (como, de resto, em todo o Algarve) e, facto importante, inexistência de mendicidade.

MELHORAMENTOS PRECISOS

Que mais é preciso para transformar Sagres numa bela estância turística e melhorar, assim, os meios de vida dos seus habitantes que precàriamente vivem da pesca e do amanho de uma terra adusta, sem uma sede de água?

Devia principiar-se, a bem dos interesses do povo e do próprio objectivo turístico, por aproveitar as excepcionais condições naturais da Balieira para fazer o mais seguro e prestimoso porto de pesca de toda a província do Algarve, com um dispêndio bastante modesto em confronto com outras obras dessa natureza em locais de ingratas condições topográficas. Seria também um belo porto para embarcações de recreio, e mesmo assim já são muitas as que, com tempo calmo, se abrigam na enseada Mareta, em Sagres, com intuitos de pesca desportiva.

Sagres necessita de um pequeno mercado, de um posto de venda de peixe a retalho, de abastecimento diário de carne (pelo menos, durante o Verão), e de fácil acesso às suas praias e a determinados pesqueiros. Depois de verificados estes e outros imprescindíveis melhoramentos, que fazem parte dos chamados «interesses públicos», impõe-se a construção, de iniciativa particular ou do Estado, de um bom estabelecimento hoteleiro, sem vislumbres de luxo, mas confortável. Deve-se essa satisfação aos visitantes de Sagres, e não conhecemos local, em todo o País, onde fosse mais útil e precisa a construção de uma pousada.

Esta prosa vai longa, e hoje por aqui ficamos. Voltaremos a falar de Sagres, quer para melhor revelar o estranho local aos nossos leitores, quer para chamar sobre ele a atenção dos poderes públicos.

Daniel Constant

NUESTRA AMISTAD CONSCIENTE

Conclusão da 1.ª página

afirmar rotundo: Hemos convivido apretadamente, unos y otros, compartiendo la alegría, el jolgorio, la esperanza. Con fé, unos y otros, repito, nos hemos entregado. En las márgenes generosas del Guadiana, que nos enlaza, se ha lavado el espejo en que nos reflejábamos y, como síntesis, síntesis de norte a sur, hemos convertido em vivencia lo que se presentía. Este reflejo lo era de toda la extensión de nuestros territórios, de todos los corazones de nuestros hombres, de todo el pensar de nuestros dos pueblos.

Nadie en la ocasión hizo frases huecas, ni improvisó discursos. No eram necesarios, pues que no se trataba de ningún ceremonial, de ninguna protocolaria reverencia, o diplomática visita. No hacían falta. Pero, sí no habia palabras, abundaban las lágrimas de gozo, los cantos de alegría, los abrazos prietos y espontáneos, los felices encuentros entre amigos de siempre. Las palabras eram sustituidas, ventajosamente, por el cálido tacto de las manos, por el calor de la sangre, por la alegria de los ojos, por el jolgorio, uno y total, en que se daban todos. Incluso la dificultad idiomática era imperceptible, pues nos entendíamos. El agrupamiento no hacía distinciones, no podía haber distingos entre hermanos. Nadie éramos extraños. En el correr armónico del convivir no había engaño ni falsedades, no había tópicos de carteles de propaganda. Unicamente, eso: unión de vida entre portugueses y españoles, unión de afanes: amor.

Lo que, a todo lo largo de la frontera se repite, se ensalzaba, se sublimizaba, como inmaterial puente entre Vila Real y Ayamonte, en estas fiestas que, yendo más allá de Ayamonte, de más allá de Castro Marín vinieron, a lomos líquidos del río, para sellar en su bautismo, el bautismo fluvial de las dos orillas, la amistad, el fraterno lazo indestructible, que conservará su perenidad, por cima de los tiempos y las cosas temporales.

Qué satisfacción ayamontina el ver llegar a su solar la magnífica multitud de sus hermanos. Todo el pueblo abrióse generoso, para acogerlos tras sus puertas. Y el hermano venía confiado, dichoso de estar una vez más entre los suyos. No es una nadería, son muchas quince mil personas, los hermanos venidos del otro lado, pero la cifra no hace sino aumentar la seguridad de que la hermandad está lograda. Allí no hubo ni un disgusto, ni un grito, ni una voz destemplada, o desacertada. Ensambladura perfecta, sin lugar a las estridencias, a las asperezas.

Después, nosotros os visitamos, hermanos queridos, y en Vila Real gozamos de la hospitalidad con que se nos correspondía, de la generosa fraternidad que nos acogía. No eramos desconocidos en pais extraño, y el conversar, en familia, nos fué entregando el regalo de la simpatía, del afecto. A bordo de una «carriña», nos acercamos de Monte Gordo. Allí cara al Atlántico, este mar — este mar español y luso — nos unía, también, más, firmemente, proyectando nuestra fraternidad ruta a la América.

Ahora ya, en el interior de la Meseta, sabemos, por fuer de Ayamonte y Vila Real, que «la hermandad ibérica» es un hecho real y concretísimo, cálido, encendido...

Madrid, 10 de Octubre de 1957.

Luís Molina Santaolalla

AS FEIRAS

de Loulé e de Silves

Na segunda e terça-feira, realiza-se a feira franca de Loulé, que costuma ser muito concorrida.

Em Silves, começa na quinta-feira e prolonga-se até sábado a feira de Todos-os-Santos, que regista sempre grande afluência. Nela transaccionam-se gados, cobertores de lã, ferragens, alfaias agrícolas, etc.

CRÓNICA EM MENOR

OUTONO!

por SEBASTIÃO LEIRIA

OUTONO. O ano envelhece.

O Sol, sempre mais pálido, encurta dia a dia, de cansaço, o seu passeio pelos espaços e uma tristeza dorida desce a envolver as coisas e as pessoas.

Isso que nos ficou do vigor de luz e vida do verão é flor de palha, — desiludido sorriso, promessa doce de quem sabe não poder cumprir.

Aonde vai o sangue estuante desse sol de canícula, entrando pelas almas em torrente, dourando e fecundando generosamente?

Esse era impetuoso e acalentador, como o amor jovem. Este, do Outono, é bem o companheiro daqueles velhinhos de mãos ossudas, pele apergaminhada e fria, fugidos à angústia dos interiores pálidos, quedando-se plácidas horas nos bancos dos jardins a voltear a bengala nos joelhos, lentamente, com brandura.

Sentam-se ao sol a aquecer, despedindo-se dele, antes que os dias se fechem inteiramente de bruma. O sol, esmaecido, velho, senta-se também com eles nos mesmos bancos, a descansar, a aquecer-se um pouco na sua própria luz, antes de seguir.

Caem as primeiras chuvas e as garras das árvores, nuas de folhas, voltadas para o céu, parecem querer arrancar daquele ventre cinzento o mistério que as obriga a ser árvores, a arrastar os seus trabalhos.

As primeiras chuvas são os primeiros cabelos brancos. Que mágoa descobrí-los!

Corda de violino que se quebra, surpresa, choque, desgosto. Aquela não vibrará mais.

E ficam balouçando as extremidades quebradas, contorcidas, como se balouçam alarmados os nossos pensamentos amargos àquela acusação implacável, dura, de que a mocidade acabou.

Com as primeiras chuvas o ano embranque, a velhice vem.

A chuva ensopa e os fardos que levamos pesam mais.

Agora o caminho cresce sempre igual, penoso, de árvores tombadas e enxurradas a vencer. E cada vez nos vão ficando mais distantes as horas de oiro da praia onde fomos livres como o ar.

Ali, enquanto o corpo descansava, partiam a galope os corséis da imaginação a devassar o infinito azul do céu a planura fascinante enlouquecedora do mar imenso. Quanto víamos era nosso.

Ali fomos grandes como senhores nos nossos sonhos de crianças em recreio. E, quanto fomos e sentimos, só agora se mede com justeza, na distância em que a verdade nos interna sempre mais além no bosque cinzento, acabrunhante, do Outono chuvoso e triste, arqueando o dorso à vontade estranha que nos pôs este fardo aos ombros e manda caminhar, caminhar com rumo ignoto, caminhar sem que se saiba a razão.

Outono, a vida morre.

Espreitam perigos e doenças, trabalhos e ciladas, dor e abandono.

E as filosofias não respondem às perguntas.

Outono. A angústia acentua-se. Ai do que é humano!

Visado pela delegação de Censura

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

A saudade, ouço dizer
Que não mata quem a sente.
Como se pode saber
Do que morre tanta gente?...

M. C.

Curiosidades

Quarenta e cinco a cinquenta toneladas é o peso do esqueleto duma baleia normal.

— Na América, é coisa corriqueira ter nos automóveis um telefone que pode comunicar com o mundo inteiro.

— Maíko é o nome que no Japão se dá a uma cantora ou dançarina de idade inferior a 15 anos.

— No ano 709, a cidade de Sevilha, na Espanha, chamava-se Hispalis.

A origem do nome de Mark Twain

Com certeza leram alguns livros do genial humorista norte-americano Mark Twain. Mas provàvelmente não se recordam de que este nome é um pseudónimo de Samuel Clemens. A razão de ele haver adoptado semelhante pseudónimo está em que foi aprendiz de piloto nos barcos do Mississipi e assistia frequentemente ao «cantar da sonda». Na navegação fluvial lança-se muitas vezes a sonda, porque, nos rios, a profundidade varia muito. Quando o homem da sonda a lançava, anunciava numa cantilena a profundidade. Se dizia «mark twain», queria dizer «marca dois pés de profundidade». O pequeno Samuel Clemens reteve no ouvido aquela cantilena e, quando se fez grande jornalista e escritor, foi o pseudónimo de Mark Twain que usou e com ele se tornou imortal.

O doce nunca amargou

Bolachas de amêndoa — 250 grs. de farinha, 125 grs. de manteiga, 150 grs. de acúcar; raspa de limão, duas gemas e uma colher de leite e um pouco de fermento em pó. Cortam-se em redondo e sobre cada bolacha deita-se um pouco de amêndoa picada.

Também na cozinha se pode ser artista

Sonhos de Camarão — Deita-se a farinha precisa, conforme o número das pessoas que devem tomar parte na refeição, — e, a pouco e pouco, água fria e sal ao paladar. Quando a farinha estiver bem diluída, põe-se a cozer, mexendo sempre. Depois de cozida, deixa-se arrefecer e junta-se-lhe manteiga, pimenta, salsa pisada e o camarão passado pela máquina, depois de cozido e descascado.

Mistura-se tudo bem e vão-se deitando os ovos, 2 ou 3, conforme a porção de farinha, um de cada vez, batendo bem a massa, mas de forma que não fique rala demais.

Põe-se azeite a ferver, deita-se-lhe a massa às colheres, devendo enfolar ao cair no azeite. Espetam-se com agulha para não rebentarem.

Não perde em saber

Umas gotas de terebentina na pomada do calçado fazem-na amaciar e tornam-na mais duradoira.

— Para lavar os lenços de seda, raspam-se e espremem-se algumas batatas e com o sumo obtido limpam-se, sem o perigo de alterar as cores.

— Um bom meio de conservar as batatas é polvilhá-las com cal moída; esta absorve a humidade e impede a putrefacção.

E agora não ria!

Maria faz um berreiro, que ninguém a atura.

— Que tem a menina? — pergunta a tia, compadecida.

— É que perdi os dois escudos que a mamã me deu.

— Ora, cale-se; isto não é mal que não se remedeie.

E deu-lhe dois escudos. Maria chora, ainda com mais força:

— Então que é isso agora, menina? Ainda a chorar?

— É que, se não tivesse perdido os dois escudos que a mamã me deu, tinha agora quatro.

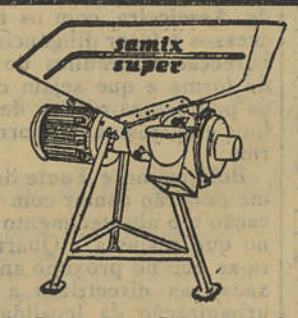
ATUM

Sardinha, Anchovas, Cavala, etc.

nas acreditadas marcas de

PILOTOS & CAPA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



Moínho e Corta forragens

= numa só máquina =

que prepara comida para todos os animais

Distribuidores:

AGÊNCIA COMERCIAL, L.DA

ÉVORA — Rua da República, 93 — Telefone 23363

LISBOA — Rua da Boa Vista, 76-1.º — Telefone 34759

ADUBOS

SUPERFOSFATOS 15 %, 18 % e 42 % em pó e granulados.

SULFATO DE AMÓNIO — do Amoníaco Português e de «COBELAZ».

NITROCALCIAMON «COBELAZ» — com 20,5 % de azoto (metade nítrico e metade amoniacal) contendo cal.

SULFONITRATO DE AMÓNIO «COBELAZ» — com 26 % de azoto (7 % nítrico e 19 % amoniacal).

NITRATO DE CAL — com 15,5 % de azoto nítrico.

CIANAMIDA CÁLCICA — SULFATO DE POTÁSSIO e CLORETO DE POTÁSSIO

ADUBOS QUÍMICOS MISTOS, em pó e granulados.

SAPEC

GRANDES FÁBRICAS EM SETÚBAL

Escritórios:
Rua Victor Cordon, 19. 1.º-Lisboa
Telefones:
36 64 26 - 36 64 27 - 36 64 28 - 36 64 29
3 07 15 - 3 07 16 - 3 07 17
Telegs.: «Sapec» — Lisboa

SAPEC SETÚBAL

Depósito em FARO
Largo do Camões, 10
Telef. 253